

O coronel Chabert

Honoré de Balzac

O coronel Chabert (em francês: *Le colonel Chabert*), publicado primeiro em revista, em 1832, teve em suas sucessivas reedições vários títulos, a saber: *A transação*, *O conde Chabert* e *A condessa de dois maridos*. Foi na edição de 1844 que recebeu o título atual.

A ideia inicial desta novela justamente famosa, Balzac tê-la-ia encontrado em Angoulême, em casa dos Carraud, seus bons amigos, cuja vida provavelmente lhes forneceu alguns elementos para as *Memórias de duas jovens esposas*. Um amigo do comandante Carraud, o sr. Dupac, antigo oficial de Napoleão, fora deixado como morto num campo de batalha; ao voltar mais tarde à França, teve dificuldades em fazer-se identificar. Foi desse episódio que Balzac tirou *A transação*. “É ainda apenas uma grande novela, mas, pela riqueza da ação, pela dramaticidade que nasce, de página em página, de situações novas, é quase um desses romances em que, mais tarde, Balzac fará caber uma sociedade, uma época inteiras”, escreve L. J. Arrigon em *Os anos românticos de Balzac* (1927).

A história do soldado deixado por morto e que, voltando anos depois, não encontra seu lugar na sociedade é um antigo assunto da literatura, ao qual os casos produzidos por novas guerras conferem atualidade periódica. Entre outros, seria aproveitado por Tenagron em *Enoch Arden*, ulterior a *O coronel Chabert*. Foi Balzac o primeiro que a situou num cenário essencialmente real: o escritório de advocacia, cenário inevitável dos dramas modernos mais empolgantes. Nisso é que consiste a essencial originalidade do escritor que transformaria um gênero. Seus heróis, por mais patéticos, por mais gigantescos que sejam, vivem no mesmo mundo em que nós vivemos, gastam, trajam e comem da mesma forma, obedecem ou não obedecem ao mesmo código.

Três novelas deste volume — *O coronel Chabert*, *A interdição* e *O contrato de casamento* — têm como assunto casos da vida judiciária; como molas, parágrafos do Código Civil; como personagens, advogados, juízes e tabeliães. Por aí se vê o extraordinário proveito que Balzac tirou dos anos “perdidos” de sua mocidade, que ele passou, mau grado seu, como escrevente de cartório.

Fernand Roux, que, em *Balzac jurisperito e criminalista* (1906), livro aliás fraco, examinou *A comédia humana* do ponto de vista jurídico, assinala que *O coronel Chabert* contém uma interpretação errada do Código Civil e que, por conseguinte, o próprio ponto de partida da novela é falso. Nesta, o advogado Derville propõe a seu cliente, o coronel ressuscitado, que transija com a esposa casada em segundas núpcias por ser o Código omissivo quanto a seu caso. Roux mostra que, ao contrário, as disposições da lei são da

maior clareza e que Derville aconselhou mal seu constituinte; Chabert ganharia seu processo de qualquer maneira. Mas Chabert provavelmente não iria até o fim do processo como não vai até o fim da transação. Esse veterano que volta de entre os mortos tem uma consciência, uma delicadeza, uma probidade pouco aproveitáveis no mundo dos vivos. Revoltado, no começo, ao ver que o querem empurrar de novo para o túmulo — por fim, cheio de nojo e desprezo pela humanidade —, vai-se enterrar vivo ele próprio.

Não tem, pois, importância decisiva o erro provavelmente intencional de Balzac, uma vez que tudo o mais é rigorosamente exato: as figuras do coronel, da esposa e do advogado, a descrição do escritório de advocacia, as observações do escritor sobre a experiência trágica do advogado, comparada à do médico e à do sacerdote. Estando quase no começo de sua verdadeira carreira de escritor, contudo Balzac já possui plenamente um de seus dotes característicos: a gradação. A história, iniciada por uma cena grotesca, com pilhérias de escreventes (cena que faz réplica a outro quadro de escritório, igualmente bem apanhado, de *Uma estreia na vida*), vai progressivamente adquirindo uma intensidade dramática.

Repare-se, sobretudo, no vigor com que Balzac soube traçar o retrato da condessa Ferraud, ex-condessa Chabert, uma das figuras mais terríveis de sua vasta galeria de gozadoras. Para tornar sua atitude mais compreensível, teve Balzac a feliz ideia de inspirar a seu segundo marido arrependimento de ter casado com ela. Se não estivesse ameaçada de ver o segundo esposo aproveitar a possibilidade de uma separação, decerto a condessa não trataria o primeiro de maneira tão abjeta. Disposta a renegar o coronel Chabert para conservar as vantagens de sua segunda união, a intrigante se transforma numa fúria desde o momento em que Chabert se lembra de evocar, na presença de um terceiro, seu passado de meretriz. Desde então não recua diante de nenhum crime e acaba por matar o veterano uma segunda vez, e melhor do que na primeira.

O pessimismo de Balzac, que em *O pai Goriot* se expandiu na filípica de Vautrin contra a sociedade, exprime-se aqui nas conclusões desoladoras do advogado Derville, graves e incisivas como um epitáfio. As leis são impotentes contra os crimes disfarçados que encontramos cada dia no seio das famílias. Pessoas da integridade de um Chabert têm de procurar uma evasão seja no que for, até na loucura ou na apatia entre as paredes de um hospício.

I – UM ESCRITÓRIO DE ADVOGADO

— Bolas! Outra vez o velho do capote!

Essa exclamação soltou-a um praticante, pertencente ao gênero dos que nos escritórios são chamados mandadeiros, e que naquele momento mastigava, com ótimo apetite, um pedaço de pão; com um pouco de miolo fez uma bolinha que, a rir, atirou pelo postigo da janela na qual se apoiava. Bem atirada, a bolinha ricochetou quase à altura do parapeito depois de ter batido no chapéu de um desconhecido que vinha atravessando o pátio de uma casa da rue Vivienne, onde morava o sr. Derville, advogado.

— Vamos, Simonin, deixe-se de picardias com os outros, do contrário ponho-o na rua. Que diabo, por mais pobre que seja um cliente, é sempre um homem — disse o primeiro praticante, interrompendo a adição de um memorando de gastos.

O mandalete é geralmente, como era Simonin, um rapazinho de treze para catorze anos, que, em todas as bancas de advocacia, acha-se sob as ordens especiais do primeiro praticante, cujas mensagens e cartinhas de amor constituem um de seus encargos, ao mesmo tempo que leva as citações para os oficiais de justiça e as petições ao Tribunal. É aparentado com o garoto de Paris pelos costumes e está ligado à chicana por seu destino. É um diabrete quase sempre sem piedade, sem freio, indisciplinado, rimador de quadrinhas, trocista guloso e preguiçoso. Entretanto, quase todos esses aprendizes têm uma velha mãe que mora num quinto andar e com a qual dividem os trinta ou quarenta francos de seu ordenado mensal.

— Se é um homem, por que o chama de *velho do capote*? — disse Simonin com o ar do colegial que pegou o mestre num erro.

E continuou a comer seu pão com queijo, encostando o ombro no marco da janela, pois descansava de pé, do mesmo modo que os cavalos das tipoias, com uma das pernas encolhidas e apoiada na outra, sobre a ponta do sapato.

— Que peça poderemos pregar a esse pobre-diabo? — disse em voz baixa o terceiro praticante, chamado Godeschal, detendo-se em meio de um arrazoado que estava

engendrando para um requerimento que ditava ao quarto praticante e cujas cópias eram feitas por dois neófitos vindos da província. Depois, continuou sem improviso: — *Mas, na sua nobre e benevolente sabedoria, Sua Majestade Luís Dezoito* (escrevera por extenso, senhor Desroches, sábio, que está fazendo a primeira via), *no momento em que retomou as rédeas do seu reino, compreendeu...* (que é que esse pândega terá compreendido?) *a alta missão que lhe fora confiada pela Divina Providência!...* (ponto de exclamação e três pontinhos: o pessoal do Tribunal é bastante religioso para aguentar isso), *e seu primeiro pensamento foi, como o prova a data da ordenação abaixo especificada, reparar os infortúnios causados pelos horríveis e tristes desastres desses nossos tempos revolucionários, restituindo aos seus fiéis e numerosos servidores* (numerosos é uma lisonja que deverá agradar ao Tribunal) *todos os seus bens que não foram vendidos, quer se encontrassem no domínio público, quer no domínio ordinário ou extraordinário da Coroa, quer, enfim, se achassem nas dotações de estabelecimentos públicos, porque somos e nos julgamos aptos a sustentar que tal é o espírito e o sentido da famosa e tão leal ordenança expedida em...*

— Esperem — disse Godeschal aos três últimos praticantes —, esta frase malvada encheu-me o fim da página. Bem! — continuou, depois de umedecer com a língua as costas do caderno a fim de poder virar a página grossa do papel selado. — Bem, se vocês quiserem pregar-lhe uma peça, não têm mais do que dizer-lhe que o patrão só pode falar com os seus clientes entre duas e três horas da madrugada; quero ver se esse velho celerado vem! — E Godeschal continuou a frase começada: — *Expedida em...* Já estão? — perguntou.

— Sim — gritaram os três copistas.

Tudo marchava junto, o requerimento, a palestra e a conspiração.

— *Expedida em...* Hein, tio Boucard, qual é a data da ordenança? É preciso pôr os pontos nos ii, caramba! Isso ajuda a encher a página.

— Caramba! — repetiu um dos copistas antes que Boucard, chefe dos praticantes, respondesse.

— Como! Você escreveu *caramba*? — exclamou Godeschal, olhando para um dos recém-vindos com ar ao mesmo tempo severo e trocista.

— Sim, senhor — disse Desroches, o quarto praticante, curvando-se para a cópia do vizinho —, ele escreveu: *É preciso pôr os pontos nos ii, e karamba* com k.

Todos os praticantes soltaram uma estrondosa gargalhada.

— Como! Sr. Huré, o senhor toma *caramba* por um termo de direito e diz que é de Mortagne! — exclamou Simonin.

— Apague isso! — disse o chefe dos praticantes. — Se o juiz encarregado de calcular a taxa dos autos visse semelhante coisa, diria que estamos troçando da autoridade, das coisas mais sérias! Você com isso daria dores de cabeça ao patrão. Vamos, sr. Huré, não me faça mais asneiras dessas! Um normando não deve escrever desatentamente um requerimento. Isto é o *Apresentar armas!* da vida forense.

— *Expedida em... em?* — perguntou Godeschal. — Diga-me, Boucard, em que data?

— Junho de 1814 — respondeu o primeiro praticante sem deixar seu trabalho.

Uma batida à porta do escritório interrompeu a frase do prolixo requerimento. Cinco praticantes ávidos, com olhos vivos e zombeteiros, de cabelos encarapinhados, levantaram o nariz para a porta, depois de terem todos gritado: — Entre. — Boucard conservou o rosto mergulhado num monte de atas, denominadas *brouillé* na linguagem forense, e continuou a redigir o memorial de custas no qual estava trabalhando.

O escritório era uma peça grande, com a tradicional lareira que decora todos os antros da chicana. Os canos atravessavam diagonalmente a sala e iam ter a uma chaminé condenada, sobre cujo mármore viam-se vários pedaços de pão, fatias triangulares de queijo de Brie, costeletas de porco frescas, copos, garrafas e a xícara de chocolate do chefe dos praticantes. O cheiro desses comestíveis mesclava-se tão bem com a fetidez da lareira superaquecida, com o odor peculiar aos escritórios e às papeladas, que ali o fedor de uma raposa não seria sentido. O assoalho já estava coberto de lama e de neve trazidas pelos praticantes. Junto à janela estava a secretária com tampa do chefe, e à qual estava encostada a pequena mesa do segundo praticante. O segundo, naquele momento, estava ocupado no serviço do Tribunal. Podiam ser oito horas da manhã. O escritório tinha, como único ornamento, grandes cartazes amarelos anunciando penhores imobiliários, vendas, licitações entre adultos e menores, adjudicações definitivas ou preparatórias, a glória das bancas! Por trás do chefe via-se uma enorme estante que ocupava a parede de alto a baixo e de cujos compartimentos, cheios de papéis, pendia um número infinito de etiquetas e de fios vermelhos que dão uma fisionomia especial aos autos dos processos. As prateleiras inferiores da estante estavam cheias de pastas de papelão, amarelecidas pelo uso, com o dorso de papel azul, nas quais se liam os nomes dos clientes importantes cujas questões rendosas estavam sendo “cozinhas” naquele momento. Os vidros sujos da janela deixavam filtrar pouca claridade. Aliás, em Paris, existem poucos escritórios nos quais se possa escrever, no mês de fevereiro, antes das dez horas, sem o auxílio de uma lâmpada, porque todos eles são objeto de uma negligência bem compreensível: todos vão lá, mas ninguém neles permanece, nenhum interesse pessoal se prende ao que é tão

banal; nem o advogado, nem os pleiteantes, nem os praticantes fazem questão da elegância de um lugar que, para uns é uma aula, para outros um ponto de passagem, e para o dono um laboratório. O mobiliário sovado transmite-se de advogado para advogado com um escrúpulo tão religioso que certos escritórios conservam ainda caixões de *resíduos*, moldes para atilhos, sacos provenientes dos procuradores do *chlet*, abreviação do *châtelet*, jurisdição que na antiga ordem correspondia ao atual Tribunal de Primeira Instância. O escritório de que nos ocupamos, escuro, coberto de pó, tinha, pois, como todos os outros, qualquer coisa de repulsivo para os demandistas, o que o tornava uma das mais hediondas monstruosidades parisienses. É certo que, se não existissem as sacristias úmidas onde se pesam e pagam as preces como especiarias, nem as lojas de belchior onde se veem dependurados farrapos que fazem murchar as ilusões da vida — mostrando-nos ao que vão ter as nossas festas —, se não existissem essas duas cloacas da poesia, um escritório de advocacia seria a mais horrível de todas as lojas sociais. Mas o mesmo acontece com a casa de jogo, com o tribunal, com a agência de loterias e com as casas mal-afamadas. Por quê? Talvez porque nesses lugares em que o drama se passa na alma dos seres, os acessórios se lhes tornam indiferentes, o que também explicaria a simplicidade dos grandes pensadores e dos grandes ambiciosos.

— Onde está o meu canivete?

— Estou almoçando!

— Vai te catar. Bonito! Um pastel em cima do requerimento!

— Xi, senhores!

Essas múltiplas exclamações explodiram ao mesmo tempo, no momento em que o velho pleiteante fechou a porta com a humildade que desnatura os movimentos de um homem infeliz. O desconhecido tentou sorrir, mas os músculos de seu rosto distenderam-se quando ele, debalde, procurou sinais de amenidade nas fisionomias inexoravelmente indiferentes dos seis praticantes. Habitado, sem dúvida, a julgar os homens, dirigiu-se muito cortesmente ao mandadeiro, na esperança de que aquele mártir lhe respondesse delicadamente.

— Diga-me, senhor, posso ver seu patrão?

O malicioso mandadeiro respondeu ao pobre do homem apenas com um gesto, dando com os dedos da mão esquerda pequeninos golpes na orelha, como para dizer-lhe: “Sou surdo”.

— Que deseja, senhor? — perguntou Godeschal, que, ao mesmo tempo que fazia essa pergunta, engolia um pedaço de pão com o qual ter-se-ia podido carregar um canhão de quatro, esgrimia com a faca e cruzava as pernas, levando o pé que estava no ar quase à

altura dos olhos.

— É a quinta vez que venho aqui, senhor — respondeu o paciente. — Desejo falar ao sr. Derville.

— Para algum negócio?

— Sim, mas só o posso explicar a ele...

— O patrão está dormindo, e, se o senhor deseja consultá-lo sobre alguma dificuldade, ele só trabalha seriamente depois da meia-noite. Mas, se quiser nos dizer do que se trata, nós poderíamos, tão bem como ele, lhe...

O desconhecido permaneceu impassível. Pôs-se a olhar modestamente em torno, como um cão que, tendo penetrado numa cozinha estranha, tem medo de levar pancada. Os praticantes, pelas próprias condições de seu estado, não têm medo de ladrões, razão pela qual não tiveram suspeitas do homem da capa e o deixaram examinar o local, onde ele, em vão, procurou uma cadeira para descansar, pois estava visivelmente fatigado. Por sistema, os advogados põem poucas cadeiras em seus escritórios. O cliente vulgar, cansado de esperar, de pé, vai embora resmungando, mas não toma um tempo que, segundo a expressão de um velho procurador, não é lançado na *conta*.

— Senhor — respondeu —, já tive a honra de preveni-lo de que só podia explicar meu caso ao sr. Derville, e por isso esperarei que ele acorde.

Boucard terminara sua adição. Sentiu o perfume de seu chocolate, levantou-se da poltrona de vime, dirigiu-se à lareira, mediu com o olhar o homem, de alto a baixo, olhou a capa e fez um trejeito indescritível. Pensou consigo mesmo que, provavelmente, de qualquer maneira que se espremesse aquele cliente, seria impossível tirar dele um cêntimo que fosse, e interveio, então, com palavras concisas, com a intenção de desembaraçar o escritório de um mau cliente.

— Disseram-lhe a verdade, senhor. O patrão só trabalha durante a noite. Se seu assunto é muito importante, aconselho-o a voltar à uma hora da madrugada.

O pleiteante olhou para o chefe dos praticantes com ar estúpido e permaneceu um instante imóvel. Acostumados às modificações fisionômicas e aos singulares caprichos provocados pela indecisão ou pela meditação que caracteriza os demandistas, os praticantes continuaram a comer, fazendo tanto barulho com suas mandíbulas quanto o devem fazer cavalos na manjedoura, não mais dando atenção ao velho.

— Senhor, voltarei à noite — disse por fim o velho, que, pela tenacidade peculiar aos desgraçados, queria livrar-se de qualquer culpa, atirando-a sobre a humanidade.

O único epigrama permitido à miséria é o de obrigar a justiça e a beneficência a

recusas injustas. Quando os infelizes conseguem inculpar a sociedade de mentira, eles se atiram com mais ardor no seio de Deus.

— E que me dizem desta *ostra*? — exclamou Simonin antes de o velho ter fechado a porta.

— Tem ares de um desenterrado — disse um praticante.

— Deve ser algum coronel que quer reclamar os atrasados — conjecturou o primeiro praticante.

— Não — disse Godeschal —, é um porteiro aposentado.

— Aposto que é um nobre! — exclamou Boucard.

— Pois eu aposto que foi porteiro — replicou Godeschal. — Só os porteiros recebem da natureza capas usadas, gordurosas e esfiapadas nas bordas como a desse pobre-diabo. Vocês não repararam nas botinas cambaias e furadas, nem na gravata que lhe serve de camisa? Garanto que ele dorme embaixo de uma ponte.

— Ora essa, ele pode ser nobre e ter sido porteiro — disse Desroches. — Já se tem visto isso.

— Não — replicou Boucard, no meio dos risos —, afirmo que ele foi cervejeiro em 1789 e coronel na República.

— Pois eu aposto um espetáculo para todos em como ele nunca foi soldado — disse Godeschal.

— Topo — aceitou Boucard.

— Senhor! Senhor! — gritou o mandadeiro, abrindo a janela.

— Que é isso, Simonin? — perguntou Boucard.

— Estou chamando o velho para perguntar se é coronel ou porteiro; ele tem de saber.

Todos os praticantes começaram a rir. O velho, este já vinha subindo a escada.

— Que iremos dizer a ele? — exclamou Godeschal.

— Deixe por minha conta! — respondeu Boucard.

O pobre homem entrou timidamente com os olhos abaixados, talvez para não deixar perceber a fome, ao olhar com demasiada avidez para os comestíveis.

— Cavalheiro — disse Boucard —, quer ter a bondade de nos dizer seu nome, para que o patrão saiba se...

— Chabert...

— É o coronel que foi morto em Eylau? — perguntou Huré, que, nada tendo dito até então, ardia em desejos de acrescentar mais um motejo aos outros.

— Ele mesmo, senhor — respondeu o pobre-diabo com uma simplicidade antiga.

E retirou-se.

— Chuit!

— Liquidado!

— Puf!

— Oh!

— Ah!

— Bum!

— Olhem o velho patife!

— Trim, trim, trim.

— Na cabeça!

— Sr. Desroches, o senhor vai ao teatro sem pagar — disse Huré ao quarto praticante, dando-lhe no ombro um tapa capaz de abater um rinoceronte.

Foi uma torrente de gritos, de risos e de exclamações, para cuja reprodução seriam necessárias todas as onomatopeias da língua.

— A que teatro iremos?

— À Ópera — disse o chefe.

— Primeiro que tudo — reclamou Godeschal —, não combinou a que teatro seria. Posso, se quiser, levá-los à casa da sra. Saqui.

— A sra. Saqui não é um espetáculo — disse Desroches.

— Que é um espetáculo? — replicou Godeschal. — Estabeleçamos primeiro a *questão de fato*. Que apostei eu, senhores? Um espetáculo. Que é um espetáculo? Uma coisa que se vê...

— Por essa teoria você ficaria quite com levar-nos a ver a água correr embaixo da Pont Neuf! — exclamou Simonin, interrompendo-o.

— ...que se vê por dinheiro — concluiu Godeschal.

— Mas por dinheiro a gente vê muitas coisas que não são um espetáculo — disse Desroches. — A definição não é exata.

— Mas ouçam-me.

— Você está delirando, meu caro — disse Boucard.

— Curtius _ _ _ é um espetáculo? — perguntou Godeschal.

— Não — respondeu o primeiro praticante —, é uma sala de figuras de cera.

— Aposto cem francos contra um vintém — retrucou Godeschal — em como o gabinete de Curtius constitui o conjunto de coisas ao qual se atribui a denominação de espetáculo. Compõe-se de uma coisa que se vê por vários preços, segundo os lugares em que as pessoas se colocam.

— *E berliques e berloques* — disse Simonin.

— Olha tu, cuidado, porque senão te dou uma bofetada — disse Godeschal.

Os praticantes deram de ombros.

— De resto, não está provado que esse macaco velho não se tenha rido à nossa custa — disse ele, terminando sua argumentação, que foi abafada pelas gargalhadas dos outros praticantes. — Em consciência, o coronel Chabert está morto e bem morto, tanto assim que a viúva dele casou-se com o conde Ferraud, conselheiro de Estado. A sra. Ferraud é cliente do escritório.

— A causa está adiada para amanhã — disse Boucard. — Toca a trabalhar, corja de vagabundos! Não se faz nada aqui! Tratem de acabar essa petição, que ela deve ser apresentada antes da audiência da Quarta Câmara. O processo vai ser julgado hoje. Vamos, a galope.

— Se fosse o coronel Chabert, ele não teria dado um pontapé no traseiro desse pândego de Simonin, quando se fez de surdo? — disse Desroches, considerando essa observação como sendo mais concluyente do que a de Godeschal.

— Uma vez que nada está decidido ainda — disse Boucard —, vamos combinar ir nos camarotes de segunda no Français, para ver Talma em Nero. Simonin irá na plateia.

E, ao dizer isso, o primeiro praticante sentou-se a sua secretária, sendo imitado por todos.

— *Expedida em junho de mil oitocentos e catorze* (por extenso) — disse Godeschal. — Pronto?

— Sim — responderam os dois copistas e o escrivão, cujas penas começaram a correr em cima do papel selado, fazendo no escritório o ruído de cem besouros encerrados por colegiais em cartuchos de papel.

— *E esperamos que os senhores que compõem o Tribunal...* — disse o improvisador. — Alto! Preciso reler minha frase; nem eu me compreendo mais.

— Quarenta e seis... Isso deve acontecer seguidamente...! e três, quarenta e nove — disse Boucard.

— *Esperamos* — continuou Godeschal depois de ter relido tudo — *que os senhores que compõem o Tribunal não serão menores do que o Augusto autor da ordenança, e que farão justiça quanto às miseráveis pretensões da administração da grande chancelaria da Legião de Honra, fixando a jurisprudência no sentido amplo que aqui estabelecemos...*

— Sr. Godeschal, quer um copo d'água? — perguntou o pequeno praticante.

— É um farsante este Simonin — disse Boucard. — Toma, prepara teus cavalos de

dupla sola, pega este embrulho e dança até aos Invalides.

— *Que aqui estabelecemos* — continuou Godeschal. — *Acrescente: no interesse da senhora... (por extenso) viscondessa de Grandlieu.*

— Como! — exclamou o praticante-chefe. — Você se mete a fazer petições na questão da viscondessa de Grandlieu contra a Legião de Honra, uma questão do escritório, contratada a preço certo? Você é um grande trouxa! Faça-me o obséquio de pôr de lado suas cópias e sua minuta e deixe isso para a questão Navarreins contra os Asilos. É tarde, vou fazer uma petição com considerandos e irei eu mesmo ao Tribunal...

Essa cena representa um dos mil prazeres que, mais tarde, fazem dizer, ao pensar na mocidade: — Bons tempos!

Cerca de uma hora da madrugada, o pretense coronel Chabert veio bater à porta do sr. Derville, advogado perante o Tribunal de Primeira Instância do departamento do Sena. O porteiro respondeu-lhe que o sr. Derville ainda não voltara. O velho alegou a entrevista e subiu ao escritório daquele célebre legista que, não obstante sua mocidade, passava por ser uma das mais sólidas inteligências do Tribunal. Depois de ter tocado a sineta, não foi pequena a surpresa do desconfiado solicitante ao ver o primeiro praticante ocupado em dispor, sobre a mesa da sala de jantar do patrão, os numerosos autos das questões a serem tratadas no dia seguinte, em ordem útil. O praticante, não menos admirado, cumprimentou o coronel, convidando-o a sentar-se, o que o pleiteante fez.

— Francamente, senhor, pensei que estivesse gracejando, ontem, quando me marcou uma hora tão matinal para uma consulta — disse o velho com a falsa alegria de um homem arruinado que se esforça por sorrir.

— Os praticantes estavam gracejando e ao mesmo tempo diziam a verdade — replicou o chefe, continuando seu trabalho.— O sr. Derville escolheu esta hora para examinar as suas causas, resumir-lhes as razões, orientar o processo e preparar as defesas. A esta hora sua prodigiosa inteligência sente-se mais livre, porque é o único momento em que ele consegue o silêncio e a tranquilidade necessários para a concepção de boas ideias. O senhor, desde que ele advoga, é o terceiro exemplo de uma consulta fixada para uma hora tão tardia. Quando chegar, o patrão discutirá cada questão, lerá tudo, ficará, talvez, quatro ou cinco horas trabalhando; depois me chamará para explicar-me suas intenções. Pela manhã, das dez horas às duas da tarde, ele ouve seus clientes; depois dedica o resto do dia às suas entrevistas. À tarde frequenta a sociedade para manter suas relações. Resta-lhe, pois, só a noite para esmiuçar seus processos, esquadriñar os arsenais do Código e formular seus planos de combate. Não quer perder uma única de suas causas; tem a paixão de sua arte. Não faz como os colegas, que aceitam qualquer questão. Eis a sua vida,

que é singularmente ativa. Mas também ganha muito dinheiro.

Ao ouvir essa exposição, o velho ficou silencioso e sua estranha fisionomia tomou uma expressão tão desprovida de inteligência que o praticante, depois de o ter observado, não mais se preocupou com ele. Poucos momentos após, Derville chegou, em traje de baile. Seu primeiro praticante abriu-lhe a porta e continuou a classificação dos autos.

O jovem advogado ficou durante um momento estupefato ao entrever na penumbra o singular cliente que o estava esperando. O coronel Chabert estava tão perfeitamente imóvel quanto uma figura de cera daquela sala Curtius a que Godeschal quisera levar seus camaradas. Aquela imobilidade não teria sido talvez motivo de espanto se não completasse o espetáculo sobrenatural que o conjunto da personagem apresentava. O velho soldado era magro e seco. Sua frente, propositalmente oculta sob os cabelos de sua peruca lisa, dava-lhe um aspecto misterioso. Seus olhos pareciam recobertos por uma névoa transparente: era como um nácar embaciado cujos reflexos azulados cintilassem ao clarão das velas. O rosto pálido, lívido, em lâmina de faca, se me é permitido usar essa expressão vulgar, parecia morto. O pescoço estava envolvido numa gravata ordinária de seda preta. A sombra escondia tão bem o corpo a partir da linha escura que aquele trapo limitava que um homem de imaginação teria podido tomar aquela velha cabeça por uma silhueta devida a um acaso ou por um retrato de Rembrandt, sem moldura. A aba do chapéu que cobria a cabeça do velho projetava um sulco negro sobre o alto do rosto. Esse efeito estranho, embora natural, fazia ressaltar, pela subitaneidade do contraste, as rugas brancas, as sinuosidades frias, o sentimento desbotado daquela fisionomia cadavérica. Enfim, a ausência de qualquer movimento no corpo, de qualquer calor no olhar ajustava-se com uma certa expressão de demência triste, com os degradantes sintomas pelos quais o idiotismo se caracteriza, para fazer daquele rosto não sei quê de funesto que nenhuma palavra humana pode exprimir. Mas um observador, e sobretudo um advogado, teria achado também, nesse homem aniquilado, os sinais de uma dor profunda, os indícios da miséria, que desfigurara aquele rosto, como as gotas de água caídas do céu sobre um belo mármore acabam com o tempo estragando-o. Um médico, um autor, um magistrado teriam pressentido um drama completo no aspecto daquele sublime horror, cujo menor mérito era o de se parecer com as fantasias que os pintores, por divertimento, desenham na base de suas pedras litográficas enquanto conversam com os amigos.

Ao ver o advogado, o desconhecido estremeceu, com um movimento convulsivo semelhante ao que escapa aos poetas quando um ruído inesperado vem desviá-los de uma fecunda meditação, em meio ao silêncio da noite. O velho descobriu-se logo e levantou-se

para saudar o rapaz; estando sem dúvida muito gorduroso o couro que guarnecia o interior de seu chapéu, a peruca ficou colada nele sem que o velho o percebesse e deixou ver a nu seu crânio horrivelmente mutilado por uma cicatriz transversal que partia do occipício e vinha terminar no olho direito, formando em seu percurso uma costura saliente. A súbita retirada daquela peruca suja que o pobre homem usava para ocultar seu ferimento não deu nenhuma vontade de rir aos dois homens da lei, de tão espantosa que era a vista daquele crânio fendido. O primeiro pensamento que o aspecto daquele ferimento sugeria era este: “Por ali fugiu a inteligência!”.

“Se não é o coronel Chabert, é em todo o caso um valente soldado!”, pensou Boucard.

— Senhor — disse-lhe Derville —, a quem tenho a honra de falar?

— Ao coronel Chabert.

— Qual deles?

— O que morreu em Eylau — respondeu o ancião.

Ao ouvir essa frase singular, advogado e praticante trocaram um olhar que significava: “É um louco” .

— Senhor — tornou o coronel —, eu desejaria confiar exclusivamente ao senhor o segredo de minha situação.

Uma coisa digna de nota é a intrepidez natural dos advogados. Seja pelo hábito de receber um grande número de pessoas, seja pelo sentimento profundo da proteção que as leis lhes concedem, seja ainda por confiança em seu ministério, eles entram por toda a parte sem nada temer, como os padres e os médicos. Derville fez um sinal a Boucard, o qual desapareceu.

— Senhor — disse o advogado —, durante o dia não sou muito avaro do meu tempo, mas no meio da noite os minutos me são preciosos. Assim, pois, seja breve e conciso. Vamos ao caso, sem digressões. Eu mesmo pedirei os esclarecimentos que julgar necessários. Fale.

Depois de ter feito sentar seu singular cliente, o rapaz sentou-se diante da mesa, mas, enquanto prestava atenção às palavras do finado coronel, folheava os autos.

— Senhor — disse o defunto —, talvez saiba que eu comandava um regimento de cavalaria em Eylau. Muito contribuí para o êxito da célebre carga que Murat fez e que decidiu a vitória. Infelizmente para mim, minha morte é um fato histórico consignado nas *Victoires et conquêtes*, onde ela é referida minuciosamente. Cortamos em duas as três linhas russas, as quais, tendo se reconstituído, obrigaram-nos a tornar a atravessá-las em sentido contrário. No momento em que voltávamos para o lado do imperador, depois de termos dispersado os russos, encontrei um troço de cavalaria

inimiga. Precipitei-me sobre esses teimosos. Dois oficiais russos, dois verdadeiros gigantes, atacaram-me ao mesmo tempo. Um deles deu-me na cabeça uma cutilada que cortou tudo, até um gorro de seda preta que eu usava, e abriu-me profundamente o crânio. Caí do cavalo. Murat veio em meu socorro, passando por sobre mim, ele e toda a sua gente, mil e quinhentos homens apenas! Minha morte foi comunicada ao imperador, o qual, por prudência (ele gostava um pouco de mim, o patrão), quis saber se não haveria nenhuma probabilidade de salvar o homem a quem devia aquele vigoroso ataque. Mandou dois cirurgiões, a fim de me reconhecerem e trazerem para a ambulância, dizendo-lhes talvez um pouco negligentemente, pois tinha muito em que se ocupar: “Vão ver se, por acaso, meu pobre Chabert ainda vive...”. Esses malditos açougueiros, que acabavam de me ver pisoteado pelos cavalos de dois regimentos, dispensaram-se com certeza de me tomar o pulso e disseram que eu estava bem morto. A certidão de meu falecimento, portanto, foi provavelmente lavrada de acordo com as regras da jurisprudência militar.

Ao ouvir seu cliente expressar-se com perfeita lucidez e contar fatos tão verossímeis, embora estranhos, o jovem advogado pôs de lado os autos, apoiou o cotovelo na mesa, amparando a cabeça com a mão, e olhou fixamente para o coronel.

— Sabe, senhor, que sou o advogado da condessa Ferraud, viúva do coronel Chabert?

— Minha mulher! Sei, sim, senhor. Por isso, depois de cem tentativas infrutuosas junto a legistas, os quais, todos, me tomaram por louco, resolvi vir procurá-lo. Mais tarde lhe contarei minhas desditas. Deixe-me primeiro precisar os fatos, explicar-lhe antes como eles devem ter se passado, do que como realmente se passaram. Certas circunstâncias, que só o Padre Eterno deve conhecer, obrigam-me a referir vários deles como hipóteses. Assim, pois, senhor, os ferimentos que recebi devem ter me causado um tétano ou, então, me deixado numa crise análoga a uma doença chamada, creio eu, catalepsia. Como admitir, do contrário, que eu tivesse sido, de acordo com os usos da guerra, despojado da minha roupa e atirado na fossa dos soldados pelas pessoas encarregadas de enterrar os mortos? Permita que inclua aqui um detalhe que só vim a conhecer posteriormente ao acontecimento que sou forçado a designar por minha morte. Encontrei em 1914, em Stuttgart, um antigo quartel-mestre do meu regimento. Esse bom sujeito, que foi o único que me quis reconhecer e do qual dentro em pouco lhe falarei, explicou-me o fenômeno da minha sobrevivência, dizendo que meu cavalo recebera uma bala de canhão na ilharga no momento em que fui ferido. Cavalo e cavaleiro caíram, assim como cartas dobradas postas de pé. Estivesse eu à direita ou à esquerda, o fato é que fui

protegido pelo corpo da minha montaria, o que me impediu fosse esmagado pelos cavalos ou atingido pelas balas de canhão. Quando recuperei os sentidos, encontrei-me, senhor, numa posição e numa atmosfera da qual, nem que eu a descrevesse até amanhã, lhe poderia dar uma ideia. O ar escasso que eu respirava era mefítico. Quis mover-me, e não tinha espaço para isso. Ao abrir os olhos, nada vi. O ar rarefeito foi o acidente mais ameaçador e que melhor me esclareceu quanto à minha situação. Compreendi que no lugar em que me achava o ar não se renovava e que eu ia morrer. Esse pensamento fez-me esquecer a dor inexprimível que me despertara. Meus ouvidos zumbiam com violência. Ouvi, ou pareceu-me ouvir, nada afirmo, gemidos que vinham do montão de cadáveres no meio dos quais eu jazia. Conquanto a lembrança desses momentos seja bem tenebrosa, conquanto minhas recordações sejam bem confusas, não obstante as impressões da dor profunda que eu devia sentir, e que perturbava minhas ideias, há noites em que julgo ouvir ainda esses suspiros abafados! Mas havia algo todavia mais horrível do que os lamentos: um silêncio que jamais tornei a encontrar onde quer que fosse, o verdadeiro silêncio do túmulo. Enfim, ao erguer as mãos, ao tatear os mortos, descobri um vazio entre minha cabeça e o lixo humano que tinha por cima de mim. Pude assim medir o espaço que me fora deixado por um acaso cuja causa ignorava. Parece que, graças à indiferença ou à precipitação com que nos tinham atirado de cambalhada, dois mortos tinham-se atravessado por cima de mim, de maneira a descrever um ângulo semelhante ao de duas cartas arrimadas uma à outra, por uma criança que inicia a construção de um castelo. Ao investigar com presteza, pois não havia tempo a perder, encontrei felizmente um braço que estava solto, o braço de um Hércules!, um osso magnífico ao qual devi minha salvação. Sem esse auxílio inesperado eu teria morrido! Com uma impetuosidade que o senhor bem pode imaginar, pus-me a trabalhar os cadáveres que me separavam da camada da terra que deviam ter atirado em cima de nós... digo nós, como se ali houvesse vivos! Trabalhei com vontade, senhor, e tanto assim que aqui estou! Mas não sei até hoje como pude conseguir atravessar a capa de carne que punha uma barreira entre mim e a vida! O senhor dirá que eu tinha três braços! Aquela alavanca, de que me servia com habilidade, proporcionava-me sempre um pouco do ar que havia entre os cadáveres que eu ia deslocando, e eu respirava parcamente. Finalmente, vi a claridade do dia, mas através da neve, senhor! Nesse momento percebi que estava com a cabeça fendida. Por felicidade, meu sangue, ou o dos meus camaradas, ou talvez o couro esfacelado do meu cavalo, que sei eu, ao coagular-se tinha me feito como que um emplastro natural. Não obstante aquela crosta, desmaiei quando meu crânio tomou contato com a neve. Entretanto, o escasso calor que me restava fez derreter

a neve em torno de mim, e me achei, quando recuperei os sentidos, no meio de uma pequena abertura, pela qual gritei enquanto pude. Mas a esse tempo o sol se erguia, e eu tinha muito poucas probabilidades de ser ouvido. Já haveria gente no campo? Ergui-me apoiando os pés nos cadáveres que tinham os rins sólidos e esticando as pernas como molas. Bem deve compreender o senhor que não era o momento de dizer aos mortos: *Respeito à coragem infeliz!* Em resumo, senhor, depois de ter experimentado a dor, se é que o termo pode traduzir minha raiva, de ver durante muito tempo, sim, muito tempo, esses malditos alemães fugirem ao ouvir uma voz num lugar onde não viam ninguém, fui afinal socorrido por uma mulher bastante audaz, ou então bastante curiosa, para se aproximar de minha cabeça, que parecia ter nascido do chão como um cogumelo. A mulher foi buscar o marido, e os dois levaram-me para a sua pobre choupana. Segundo parece, tive uma recaída de catalepsia, consinta-me o termo para pintar-lhe um estado do qual não tenho a menor recordação, mas que, conforme o que me disseram meus hóspedes, julguei dever ser uma consequência dessa doença. Durante seis meses fiquei entre a vida e a morte, sem falar ou então delirando, quando falava. Finalmente meus hóspedes conseguiram minha admissão no hospital de Heilsberg. Como deve ter percebido, senhor, saí da cova tão nu como saí do ventre de minha mãe; de modo que, seis meses depois, quando, por uma bela manhã, me lembrei de ter sido o coronel Chabert e que, ao recuperar a razão, quis obter da enfermeira um pouco mais de respeito do que ela concedia a um pobre-diabo, todos os meus companheiros de enfermagem puseram-se a rir. Felizmente para mim, o cirurgião, por amor-próprio, responsabilizara-se por minha cura e, naturalmente, interessava-se pelo seu doente. Quando lhe falei de modo coerente da minha antiga existência, esse honrado cavalheiro, chamado Sparchmann, fez atestar dentro das normas jurídicas exigidas pelas leis do país o modo milagroso pelo qual eu tinha saído da fossa dos mortos, o dia e a hora em que eu fora encontrado por minha benfeitora e por seu marido, o gênero e a posição exata dos meus ferimentos, acrescentando a esse auto de corpo de delito uma descrição da minha pessoa. Pois bem, senhor, não tenho nem essas peças importantes, nem a declaração que fiz num cartório de Heilsberg, visando estabelecer minha identidade! Desde o dia em que fui expulso daquela cidade, pelos acontecimentos da guerra, vaguei continuamente como um vagabundo, mendigando o alimento, chamado de louco todas as vezes que narrava a minha aventura e sem ter achado nem ganho um vintém para poder conseguir os documentos capazes de confirmarem minhas declarações e de me restituírem à vida social. Frequentemente, as dores que eu sofria retinham-me durante semestres inteiros

nas pequenas cidades onde se prodigalizavam cuidados ao francês doente, mas onde riam na cara desse homem assim que ele dizia ser o coronel Chabert. Durante muito tempo esses risos, essas dúvidas punham-me num estado de furor que me prejudicou e fez com que me encerrassem, por louco, em Stuttgart. Realmente, o senhor poderá julgar, pela minha narrativa, que havia razão de sobra para encarcerar um homem! Depois de dois anos de prisão que tive de suportar, depois de ter ouvido mil vezes meus guardas dizerem: “Aí está um pobre-diabo que pensa ser o coronel Chabert” a pessoas que respondiam: “Pobre homem!”, eu mesmo me convenci da impossibilidade da minha própria aventura. Tornei-me triste, resignado, tranquilo e renunciei a declarar ser o coronel Chabert, a fim de poder sair da prisão e voltar à França. Oh! senhor, rever Paris! Era um delírio que eu não...

O coronel Chabert não terminou a frase e mergulhou numa cisma profunda que Derville respeitou.

— Um belo dia, senhor — continuou o cliente —, um dia de primavera, abriram-me as portas’ da prisão e deram-me dez táleres, sob pretexto de que eu falava muito sensatamente sobre qualquer assunto e não mais dizia ser o coronel Chabert. Com franqueza, naquela época, e mesmo hoje, por vezes, meu nome me é desagradável. Quisera não ser eu. A consciência dos meus direitos me mata. Se minha doença me tivesse tirado completamente a memória de minha existência passada, eu teria sido feliz! Ter-me-ia reengajado sob outro nome qualquer e, quem sabe?, hoje seria *feld-marechal* na Áustria ou na Rússia.

— O senhor embaralha-me todas as ideias — disse o advogado. — Ao ouvi-lo, pareço estar sonhando. Por favor, detenhamo-nos por um momento.

— O senhor — disse o coronel com ar melancólico — foi a única pessoa que me ouviu com tanta paciência. Nunca nenhum advogado quis adiantar-me dez napoleões para fazer vir da Alemanha os papéis necessários para dar início ao meu processo...

— Que processo? — perguntou o advogado, que esquecera a dolorosa situação de seu cliente, ao ouvir a relação de suas misérias passadas.

— Esquece, senhor, que a condessa Ferraud é minha esposa? Ela possui trinta mil libras de renda que me pertencem e não me quer dar um real. Quando conto essas coisas a advogados, a homens de bom-senso; quando eu, um mendigo, proponho litigar contra um conde e uma condessa; quando eu, que estou morto, me rebelo contra uma certidão de óbito, contra casamentos e contra nascimentos, eles se desembaraçam de mim, segundo seu caráter, ou com esse ar friamente cortês, que os senhores sabem tomar para se descartarem de um infeliz, ou com brutalidade, como quem julga estar tratando com

um intrigante ou com um louco. Eu estive soterrado debaixo de mortos, agora estou enterrado debaixo de vivos, de atos, de fatos, da sociedade toda, que me quer fazer voltar para o fundo da terra!

— Senhor, queira continuar agora — disse o advogado.

— *Queira!* — exclamou o infeliz ancião, segurando a mão do jovem legista. — Eis a primeira palavra cortês que ouço desde...

O coronel chorou. A gratidão embargou-lhe a voz. A penetrante e indizível eloquência que existe no olhar, no gesto, no próprio silêncio acabou de convencer Derville e comoveu-o muito.

— Ouça, senhor — disse ele a seu cliente —, ganhei hoje trezentos francos no jogo; não é demais que eu empregue a metade dessa quantia para fazer a felicidade de um homem. Vou começar as pesquisas de diligências necessárias para lhe conseguir os documentos de que me falou, e até que cheguem eu lhe darei cinco francos por dia. Se é o coronel Chabert, saberá perdoar a modicidade do empréstimo a um rapaz que ainda tem de fazer fortuna. Continue.

O pretenso coronel permaneceu um instante imóvel e estupefato; a desgraça extremada destruía-lhe, sem dúvida, a confiança. Se ele ia empós de sua ilustração militar, de sua fortuna, de si mesmo, seria talvez em obediência a esse sentimento inexplicável, em germe no coração de todos os homens, e ao qual devemos as pesquisas dos alquimistas, a paixão da glória, as descobertas da astronomia, da física, tudo o que impele o homem a se engrandecer, desdobrando-se pelos fatos ou pelas ideias. O *ego*, no seu pensamento, não era mais que um objeto secundário, da mesma forma que a vaidade do triunfo ou o prazer do lucro tornam-se mais desejados pelo apostador do que o objeto da aposta. As palavras do jovem advogado foram pois como um milagre para aquele homem repellido durante dez anos pela esposa, pela justiça, por toda a organização social. Encontrar em casa de um advogado as dez moedas de ouro que lhe tinham sido recusadas durante tanto tempo, por tantas pessoas, de tantos modos! O coronel estava como aquela dama que, tendo vivido com febre durante quinze anos, julgou ter mudado de doença no dia em que ficou boa. Existem felicidades nas quais não mais se crê; se chegam, são como o raio, consomem. Assim é que a gratidão do pobre homem era demasiado intensa para que pudesse exprimi-la. Aos olhos das pessoas superficiais, ele pareceria frio. Derville, porém, naquele esturpor, adivinhou uma probidade integral. Um tratante teria tido voz.

— Em que ponto estava eu? — perguntou o coronel com a ingenuidade de uma criança ou de um soldado, pois que no verdadeiro soldado há sempre muito de criança, e, quase

sempre, na criança, muito de soldado, sobretudo na França.

— Na sua saída da prisão, em Stuttgart — respondeu o advogado.

— Conhece minha esposa? — perguntou o coronel.

— Sim — replicou Derville, acenando com a cabeça.

— Como está ela?

— Sempre encantadora.

O velho fez um gesto com a mão e pareceu tragar uma secreta dor, com a resignação grave e solene dos homens que foram temperados no sangue e no fogo dos campos de batalha.

— Senhor — disse ele, com uma espécie de alegria, porquanto esse pobre coronel respirava, saía uma segunda vez do túmulo, acabava de derreter uma capa de neve menos fusível do que aquela que em outra ocasião lhe gelara a cabeça e aspirava o ar como quem saísse de um calabouço. — Senhor — disse ele —, se eu então fosse um rapaz bonito, não teria sofrido nenhuma das desgraças que se abateram sobre mim. As mulheres acreditam nos homens quando eles recheiam suas frases com a palavra “amor”. Aí então elas correm, agem, desdobram-se, intrigam, afirmam as coisas, fazem o diabo por aquele que lhes agrada. Como poderia eu interessar uma mulher? Tinha uma cara de réquiem, vestia-me como um *sans-culotte*, parecia mais um esquimó do que um francês, eu outrora considerado o mais belo *muscadin*, em 1799! Eu, Chabert, conde do Império! Enfim, no mesmo dia em que me puseram no olho da rua, como um cão, encontrei o quartel-mestre de que já lhe falei. O camarada chamava-se Boutin. O pobre-diabo e eu constituíamos o mais belo par de espantalhos que jamais vi. Encontrei-o num passeio; se eu o reconheci, a ele foi-lhe impossível adivinhar quem eu era. Fomos juntos a uma taberna. Uma vez lá, quando disse quem era, a boca de Boutin arreganhou-se numa gargalhada que parecia um morteiro quando explode. Essa alegria, senhor, causou-me um dos mais vivos desgostos que já tive. Revelava-me claramente todas as mudanças sobrevindas em mim. Assim, pois, eu estava irreconhecível, mesmo aos olhos do mais humilde e do mais grato dos meus amigos! Em outros tempos eu salvara a vida de Boutin, conquanto fosse isso uma dívida que eu lhe pagara. Não lhe contarei como ele me prestou esse serviço. A cena passou-se na Itália, em Ravena. A casa em que Boutin impediu que me apunhalassem não era muito decente. Nessa época eu não era coronel, mas simples soldado de cavalaria como ele. Felizmente havia nessa história detalhes que só podiam ser conhecidos por nós dois; e, quando os referi, sua incredulidade diminuiu. Depois contei-lhe os incidentes da minha estranha existência. Conquanto meus olhos e minha voz estivessem, segundo me disse, singularmente alterados, embora eu não tivesse mais

cabelos, nem dentes, nem sobranceiras, além de estar branco como um albino, acabou reconhecendo o seu coronel num mendigo, depois de me ter feito mil perguntas, a que respondi vitoriosamente. Contou-me suas aventuras, que não eram menos extraordinárias do que as minhas. Voltava dos confins da China, onde quisera penetrar depois de ter escapado da Sibéria. Deu-me a conhecer os desastres da campanha da Rússia e a primeira abdicação de Napoleão. Esta notícia foi uma das coisas que mais mal me fizeram! Éramos dois destroços curiosos depois de termos rolado pelo globo como rolam no oceano as pedras levadas de uma praia a outra pelas tempestades. Entre os dois tínhamos visto o Egito, a Síria, a Espanha, a Rússia, a Holanda, a Alemanha, a Itália, a Dalmácia, a Inglaterra, a China, a Tartária, a Sibéria; só nos faltara ir à Índia e à América! Enfim, mais disposto do que eu, Boutin encarregou-se de vir a Paris o mais prontamente possível, a fim de avisar minha mulher da situação em que eu me achava. Escrevi à sra. Chabert uma carta bem minuciosa. Era a quarta, senhor! Se eu tivesse tido parentes, nada disso, talvez, teria acontecido; mas devo confessar-lhe que sou um filho do acaso, um soldado que por patrimônio tinha a coragem, por família, o mundo, por pátria, a França, e por único protetor, Deus. Engano-me! Tinha um pai, o imperador! Ah, se ele ainda estivesse de pé, o querido homem, e se ele visse o *seu Chabert*, como me chamava, no estado em que estou, como ficaria furioso! Que quer? Nosso sol já se pôs, todos agora sentimos frio. Afinal de contas, os acontecimentos políticos bem podiam justificar o silêncio de minha mulher! Boutin partiu. Ele sentia-se bem feliz; tinha dois ursos brancos superiormente amestrados que lhe davam com que viver. Eu não podia acompanhá-lo; as dores que sentia não me permitiam longas jornadas. Quando nos separamos, chorei, depois de ter acompanhado a ele e aos seus ursos, tanto quanto minhas forças o permitiram. Em Carlsruhe, tive um acesso de nevralgia na cabeça e fiquei durante seis semanas numa taberna, atirado em cima de um montão de palha! Não acabaria nunca, senhor, se lhe fosse contar todas as desgraças de minha vida de mendigo. Os sofrimentos morais, ante os quais as dores físicas empalidecem, despertam, entretanto, menos piedade, porque não os vemos. Lembro-me de ter chorado na frente de um palacete, em Strasbourg, onde outrora eu dera uma festa, e onde não consegui nem sequer um pedaço de pão. Tendo estabelecido, de acordo com Boutin, o itinerário que eu devia seguir, ia a todas as agências de correio perguntar se havia carta ou dinheiro para mim. Vim até Paris sem nada ter recebido. Quanto desespero tive de tragar! “Boutin deve ter morrido”, dizia a mim mesmo. Efetivamente, o pobre-diabo sucumbira em Waterloo. Mais tarde, por acaso, tive notícias de sua morte. Com certeza a missão junto à minha mulher fora infrutífera.

Enfim, entrei em Paris ao mesmo tempo que os cossacos. Para mim, era uma dor após outra. Ao ver os russos na França, não me lembrei mais de que não tinha sapatos nos pés nem dinheiro no bolso. Sim, senhor, minha roupa estava em frangalhos. Na véspera de minha chegada fui forçado a bivacar nas matas de Claye. O frescor da noite causou-me, sem dúvida, um acesso de não sei que doença, que se apoderou de mim quando passei pelo Faubourg Saint-Martin. Caí quase desmaiado na porta de um ferreiro. Quando despertei, estava numa cama do Hôtel-Dieu. Fiquei nele durante um mês, bastante feliz. Logo depois me deram alta; não tinha dinheiro, mas estava bem de saúde e pisava o querido calçamento de Paris. Com que alegria e com que pressa fui à rue du Mont-Blanc, onde minha mulher devia estar morando, num palacete meu! Ora, a rue du Mont-Blanc tornara-se a rue de Chaussée d'Antin! Não vi mais meu palacete; fora vendido e demolido. Alguns especuladores tinham construído várias casas nos meus jardins. Ignorando que minha mulher tivesse desposado o sr. Ferraud, eu não podia obter nenhuma informação. Finalmente fui à casa de um velho advogado que, antigamente, era o encarregado dos meus negócios. O bom do homem morrera tendo antes cedido a clientela a um rapaz. Este disse-me, com grande surpresa para mim, que fora aberta e liquidada a minha sucessão, que minha mulher casara e tinha dois filhos. Quando lhe disse que era o coronel Chabert, pôs-se a rir de tão boa vontade que o deixei sem lhe fazer a menor observação. Minha detenção em Stuttgart fez-me pensar em Charenton, e resolvi agir com prudência. Aí, então, senhor, sabendo onde residia minha mulher, dirigi-me para o seu palacete, com o coração cheio de esperanças. Pois bem — disse o coronel com um gesto de raiva concentrada —, não fui recebido quando me apresentei com um nome de empréstimo, e no dia em que me fiz anunciar sob o meu verdadeiro nome bateram-me com a porta na cara. Passei noites inteiras encostado ao marco do portão da casa de minha mulher, para vê-la, ao amanhecer, de volta de um baile ou espetáculo. Meu olhar mergulhava no interior do carro que passava por diante de mim com a rapidez de um relâmpago e no qual eu mal entrevia aquela mulher que é minha e que não mais me pertence! Oh, desde esse dia vivi para a vingança! — exclamou o ancião com voz abafada e erguendo-se de repente diante de Derville. — Ela sabe que existo; depois da minha volta recebeu duas cartas escritas por mim mesmo. Não me ama mais! Quanto a mim, não sei se a amo ou se a detesto! Ora a desejo, ora a amaldiçoo. Ela deve-me sua fortuna, sua felicidade; pois bem, mesmo assim não me mandou o mais insignificante auxílio! Há momentos em que não sei o que será de mim!

A essas palavras, o velho soldado tornou a sentar-se e permaneceu imóvel. Derville ficou silencioso, ocupado em contemplar o cliente.

— O caso é grave — disse ele, enfim, maquinalmente. — Mesmo admitindo a autenticidade dos documentos que devem estar em Heilsberg, nada me prova que possamos triunfar desde logo. O processo irá sucessivamente perante três tribunais. Precisamos refletir serenamente sobre uma tal coisa, pois é excepcional.

— Oh — respondeu friamente o coronel, erguendo a cabeça num gesto altivo —, se eu sucumbir, saberei morrer, mas acompanhado!

Nesse momento desaparecera o ancião. Os olhos do homem enérgico brilhavam incendiados pelo fogo do desejo e da vingança.

— Será talvez preciso transigir — disse o advogado.

— Transigir! — repetiu o coronel Chabert. — Estou eu vivo ou morto?

— Senhor — replicou o advogado —, espero que atenda aos meus conselhos. Sua causa será a minha causa. Breve vai aperceber-se do interesse que tomo por sua situação, que quase não tem exemplo nos fatos judiciários. Enquanto isso, vou dar-lhe um bilhete para o meu procurador, que lhe entregará, mediante recibo, cinquenta francos a cada dez dias. Não seria conveniente que viesse aqui buscar auxílio. Se o senhor é o coronel Chabert, não deve estar à mercê de ninguém. Darei a esses adiantamentos a forma de empréstimo. O senhor tem bens a recuperar, é rico.

Essa última delicadeza arrancou lágrimas ao ancião. Derville ergueu-se bruscamente, pois não era de regra que um advogado se mostrasse comovido; foi a seu gabinete, de lá voltando com uma carta não lacrada que entregou ao conde Chabert. Quando o pobre-diabo a teve nas mãos, sentiu através do papel duas moedas de ouro.

— Quer indicar-me os documentos, bem como o nome da cidade, do reino? — pediu o advogado.

O coronel ditou os dados pedidos, verificando a ortografia dos nomes de localidades; depois, com uma mão pegou o chapéu, olhando Derville, estendeu-lhe a outra, uma mão calosa, e disse-lhe com voz simples:

— Francamente, depois do imperador é o senhor o homem a quem mais deverei. *É um valente.*

O advogado apertou a mão do coronel e acompanhou-o até a escada, iluminando-lhe o caminho.

— Boucard — disse Derville a seu primeiro praticante —, acabo de ouvir uma história que talvez me venha a custar vinte e cinco luíses. Mas, se for roubado, darei meu dinheiro por bem empregado, pois nesse caso terei visto o mais hábil comediante da nossa época.

Quando o coronel se viu na rua e em frente a um lampião, tirou da carta as duas

moedas de vinte francos que o advogado lhe dera e considerou-as durante um momento, à luz. Pela primeira vez, após nove anos, tornava a ver uma moeda de ouro.

“Afiml vou poder fumar charutos!”, disse consigo.

II – A TRANSAÇÃO

Cerca de três meses depois dessa consulta feita à noite pelo coronel Chabert a Derville, o notário encarregado de pagar o meio soldo que o advogado outorgava a seu singular cliente veio ver aquele para tratar de um assunto grave e começou por cobrar-lhe seiscentos francos dados ao velho militar.

— Com que então te estás divertindo em sustentar o antigo exército? — disse-lhe rindo o notário, chamado Crottat, rapaz moço que acabava de comprar o cartório, de que fora primeiro praticante e cujo patrão acabava de pôr-se ao fresco, depois de uma falência espantosa.

— Agradeço-te, meu caro notário — respondeu-lhe Derville — por me lembrares esse assunto. Minha filantropia não irá além de vinte e cinco luíses; receio, mesmo, ter sido vítima de meu patriotismo.

No momento em que Derville terminava a frase, viu em cima da secretária os pacotes que seu primeiro praticante ali depusera. Chamou-lhe logo a atenção o aspecto dos selos alongados, quadrados, triangulares, encarnados, azuis, colados numa carta pelos correios prussiano, austríaco, bávaro e francês.

— Ah — disse ele rindo —, aqui está o desenlace da comédia; vamos ver se eu fui ludibriado!

Pegou a carta, abriu-a, mas não a pôde ler, pois estava escrita em alemão.

— Boucard, vá você mesmo fazer traduzir esta carta e volte em seguida — disse Derville, entreabrindo a porta de seu gabinete e dando a carta ao praticante.

O notário de Berlim, a quem o advogado se dirigia, comunicava-lhe que os documentos, cujo envio lhe era pedido, seguiriam alguns dias depois daquela carta de aviso. Tais documentos, afirmava ele, estavam perfeitamente em regra e revestidos das necessárias legalizações para fazer fé em juízo. Além disso, assegurava que quase todas as testemunhas dos fatos consignados no inquérito viviam em Prussich-Eylau; e que a mulher à qual o sr. conde Chabert devia a vida vivia ainda num dos arrabaldes de Heilsberg.

— A coisa está ficando séria — exclamou Derville quando Boucard acabou de lhe

comunicar o conteúdo da carta. — Mas escuta aqui, meu velho — disse ele, dirigindo-se ao notário —, vou precisar de elementos que devem existir em teu cartório. Não foi em casa daquele velho larápio do Roguin...

— Nós dizemos: o infeliz, o desditoso Roguin — interrompeu-o Alexandre Crottat, rindo.

— Não foi em casa desse desditoso, que acaba de raspar-se com oitocentos mil francos dos clientes, deixando várias famílias desesperadas, que se fez a liquidação da sucessão Chabert? Parece-me ter visto isso no nosso processo Ferraud.

— Sim — respondeu Crottat —, eu era então terceiro praticante: copiei e estudei bem essa liquidação. Rosa Chapotel, esposa e viúva de Jacinto, dito Chabert, conde do Império, grande oficial da Legião de Honra; tinham se casado sem contrato, havendo entre eles, portanto, comunhão de bens. Tanto quanto me posso lembrar, o ativo alcançava seiscentos mil francos. Antes do casamento, o conde Chabert fez um testamento em benefício dos asilos de Paris, pelo qual lhes legava a quarta parte da fortuna que possuísse na época de seu falecimento; a fazenda pública herdaria a outra quarta parte. Houve licitação, venda e partilha, porque os solicitadores não perderam tempo. Por ocasião da liquidação, o monstro que então governava a França expediu um decreto restituindo à viúva a parte que tocava ao fisco.

— Assim, pois, a fortuna pessoal do conde Chabert não passaria de trezentos mil francos?

— Lógico, meu velho! — respondeu Crottat. — Assim mesmo, vocês, solicitadores, às vezes têm o espírito certo, se bem que muitos os acusem de corrompê-los patrocinando tanto o pró como o contra...

O conde Chabert, cujo endereço lia-se embaixo do recibo da primeira entrega que lhe fizera o notário, morava no Faubourg Saint-Marceau, na rue Petit-Banquier, em casa de um velho quartel-mestre da guarda imperial, chamado Vergniaud, que abrira uma leitaria. Tendo chegado lá, Derville foi obrigado a ir a pé à procura de seu cliente, pois o cocheiro recusou embrenhar-se numa rua sem calçamento e cujos buracos eram demasiado profundos para as rodas de seu cabriolé. Olhando para todos os lados, o advogado acabou por achar, na parte da rua próxima ao bulevar entre dois muros construídos com terra e ossadas, dois rústicos pilares de pedra bruta, rachados pela passagem dos carros, apesar dos dois pedaços de madeira em forma de marcos. Os dois pilares sustentavam uma viga coberta por um alpendre de telha, sobre a qual estava escrito em letras vermelhas: vergniaud, nouriceure.[\[167\]](#) À direita do nome viam-se ovos e, à esquerda, uma vaca, tudo pintado a tinta branca. A porta estava aberta e,

provavelmente, conservava-se assim todo o dia. No fundo de um pátio bastante espaçoso erguia-se, em frente à porta, uma casa, se é que se pode dar tal nome a esses pardieiros dos arrabaldes de Paris, que não se podem comparar a nada, nem mesmo às mais simples casas de campo, das quais possuem a miséria, mas não a poesia. Efetivamente, no campo, as cabanas têm pelo menos a graça que lhes dão a pureza do ar, o verde, o aspecto das lavouras, uma colina, um caminho tortuoso, as vinhas, uma sebe viva, o musgo dos telhados de palha e os utensílios campestres; mas em Paris a miséria sobressai somente por seu horror. Embora recentemente construída, essa casa parecia prestes a cair em ruínas. Nenhum dos materiais empregados tivera seu verdadeiro destino, todos provinham das demolições que se fazem diariamente em Paris. Sobre os postigos de uma janela feita com as tábuas de uma tabuleta, Derville leu: bazar de novidades. As janelas em nada se pareciam umas com as outras e todas estavam estranhamente colocadas. O rés do chão, que parecia ser a parte habitável, estava acima do solo, em um lado, enquanto do outro os quartos estavam enterrados por uma elevação do terreno. Entre o portão de entrada e a casa havia um charco de estrume para onde corriam as águas da chuva e do serviço doméstico. O muro sobre o qual se apoiava aquela precária habitação e que parecia ser mais sólido do que os demais, estava cheio de gaiolas nas quais proliferavam ninhadas de coelhos. À direita da porta de entrada achava-se o estábulo, por sobre o qual havia um celeiro para forragem e que comunicava com a casa por uma leitaria. À esquerda um galinheiro, uma estrebaria e um telheiro para porcos que, como o da casa, fora rematado com tábuas ordinárias de pinho branco pregadas umas sobre as outras e mal cobertas com junco. Como quase todos os lugares onde se cozinham os elementos do grande festim que Paris devora diariamente, o pátio em que Derville pôs os pés apresentava os traços da precipitação exigida pela necessidade de chegar à hora fixa. As grandes vasilhas de folha amolgadas nas quais se transporta o leite e os potes que contêm a nata batida estavam atirados sem ordem, em frente à leitaria, com suas tampas de pano. Os trapos esburacados que serviam para enxugá-los flutuavam ao sol, estendidos sobre cordéis amarrados em postes. O cavalo pacífico cuja raça só é encontrada nas leitarias dera alguns passos à frente da carrocinha e freara diante da estrebaria, cuja porta estava fechada. Uma cabra mordiscava as folhas da parreira raquítica e coberta de pó que guarnecia a parede amarela e rachada da casa. Um gato, agachado junto aos potes de nata, lambia-os. As galinhas, assustadas com a aproximação de Derville, voaram cacarejando, e o cão de guarda latiu.

“E dizer que o homem que decidiu a vitória, na batalha de Eylau, mora aqui”, pensou

Derville, abrangendo com um só olhar o conjunto daquele ignóbil espetáculo.

A casa ficava sob a guarda de três garotos. Um, trepado sobre o toldo de uma carroça carregada de forragem verde, atirava pedras no cano da chaminé de uma casa vizinha, na esperança de que fossem cair dentro da marmita. Outro forcejava por levar um porco para dentro de uma carroça cuja extremidade tocava no chão, enquanto o terceiro esperava que o porco entrasse para levá-lo fazendo gangorra. Quando Derville lhes perguntou se era mesmo ali que morava o sr. Chabert, nenhum deles respondeu, e os três o olharam com estupidez espirituosa, se é que se podem juntar essas duas palavras. Derville repetiu a pergunta, sem êxito. Impacientado com o ar trocista dos três patifes, Derville disse-lhes algumas dessas injúrias pilhéricas que os rapazes se julgam autorizados a dirigir às crianças, e os garotos romperam o silêncio com uma gargalhada brutal. Derville zangou-se. O coronel, que o ouvira, saiu de um pequeno quarto baixo, situado junto à leitaria, e apareceu na soleira da porta, com uma impassibilidade militar inexprimível. Pendia-lhe da boca um cachimbo admiravelmente *culotté* (expressão técnica dos fumantes), um desses humildes cachimbos de barro denominados *brûle-gueule*. Ergueu a viseira do boné, horrivelmente sebosos, viu Derville e atravessou o charco de imundície para aproximar-se mais depressa de seu benfeitor, gritando aos garotos com voz amistosa: “Silêncio nas fileiras!”. Os pequenos imediatamente guardaram um silêncio respeitoso que revelava o domínio exercido sobre eles pelo velho soldado.

— Por que não me escreveu? — disse ele a Derville. — Siga ao correr do estábulo! Olhe, ali o caminho é calçado — exclamou ao notar a hesitação do advogado, que não queria sujar os pés no estrume.

Aos saltos daqui para ali, Derville chegou junto à porta por onde saíra o coronel. Chabert pareceu aborrecido por ser obrigado a receber o advogado no quarto que ocupava. De fato, Derville viu ali apenas uma cadeira. A cama do coronel consistia em alguns molhos de palha por sobre os quais a dona da pensão estendera dois ou três farrapos dessas velhas tapeçarias, apanhadas Deus sabe onde, que as leiteiras usam para amaciar os bancos de suas carrocinhas. O chão era de terra batida. As paredes, cobertas de salitre, esverdeadas e rachadas, transudavam tal umidade, que a do lado em que dormia o coronel fora forrada com uma esteira de junco. O famoso capote estava pendurado num prego. Dois velhos pares de botas estavam atirados num canto. Nem sinal de roupa branca. Em cima da mesa carunchada estavam abertos os Boletins do Grande Exército, reimpressos por Blancher, os quais pareciam ser a leitura do coronel, cuja fisionomia era calma e serena no meio daquela miséria. A visita que fizera à casa de Derville parecia ter transformado o caráter de suas feições, nelas achando o advogado traços de pensamentos

felizes e um clarão particular derramado pela esperança.

— Incomoda-o o cheiro do cachimbo? — perguntou ele ao advogado, oferecendo-lhe a cadeira meio desempalhada.

— Mas, coronel, o senhor aqui está muito mal acomodado!

Essa frase foi arrancada a Derville pela desconfiança natural dos advogados, bem como pela deplorável experiência que lhes dão os os espantosos dramas ignorados que contemplam.

“Aqui está”, pensou ele, “um homem que, com toda a certeza, empregou meu dinheiro em satisfazer as três virtudes teologais do soldado: o jogo, o vinho e as mulheres!”

— Tem razão, senhor, não brilhamos aqui pelo luxo. É um bivaque temperado pela amizade; mas... — aqui o soldado dirigiu um olhar profundo ao homem da lei — não faço mal a ninguém, nunca repeli ninguém e durmo tranquilo.

O advogado pensou que seria indelicado pedir contas a seu cliente das quantias que lhe adiantara e contentou-se em dizer-lhe:

— Por que motivo não quis ficar em Paris, onde poderia viver com o pouco com que aqui vive, mas onde estaria melhor?

— Mas — respondeu o coronel — esta boa gente com quem moro tinha-me abrigado, alimentado *grátis* fazia um ano! Como deixá-los no momento em que me vi com um pouco de dinheiro? Além disso, o pai desses três garotos é um velho *egípcio*.

— Como, um egípcio?

— Denominamos assim os soldados que voltaram da expedição do Egito, [\[170\]](#) na qual tomei parte. Não somente todos os que lá estiveram são um pouco irmãos, mas, ademais, Vergniaud era do meu regimento, tínhamos repartido a água no deserto. E, afinal, ainda não acabei de ensinar esses guris a ler.

— Ele bem poderia tê-lo alojado melhor, com o dinheiro que o senhor tem.

— Ora — disse o coronel —, os filhos dele dormem como eu em cima da palha! A cama dele e da mulher não é melhor. Eles são muito pobres; o estabelecimento de que tomaram conta está acima dos seus recursos. Mas se eu recuperar a minha fortuna...! Enfim, veremos!

— Coronel, devo receber, amanhã ou depois, os documentos de Heilsberg. Sua salvadora ainda vive!

— Maldito dinheiro! E dizer que não o tenho! — exclamou ele, atirando o cachimbo no chão.

Um cachimbo *culotté* é um cachimbo precioso para um fumante; mas o que aconteceu

foi devido a um gesto tão natural, a um movimento tão generoso que todos os fumadores e mesmo a *régie* lhe teriam perdoado esse crime de lesa-tabaco. Talvez os anjos tivessem juntado os fragmentos.

— Coronel, seu caso é excessivamente complicado — disse-lhe Derville, ao sair do quarto para caminhar ao sol, em frente à casa.

— A mim — disse o soldado —, ele me parece perfeitamente simples. Julgaram-me morto, e eu aqui estou! Restitua-me minha mulher e minha fortuna; dê-me o posto de general ao qual tenho direito, porque fui nomeado coronel na guarda imperial na véspera da batalha de Eylau.

— No mundo judiciário as coisas não vão assim — replicou Derville. — Ouça-me. Admito que o senhor é o conde Chabert, mas é preciso prová-lo judicialmente a pessoas que terão interesse em negar sua existência. Assim, seus documentos serão discutidos. Essa discussão acarretará dez ou doze questões preliminares. Todas irão contraditoriamente até a corte suprema e constituirão outros tantos processos dispendiosos, que se arrastarão, por mais que eu me esforce. Seus adversários pedirão um inquérito que não poderemos recusar e que talvez exija uma carta rogatória à Prússia. Suponhamos, porém, tudo pelo melhor, admitamos que a Justiça reconheça prontamente que o senhor é o coronel Chabert. Sabemos nós como será julgada a questão provocada pela bigamia, aliás inocente, da condessa Ferraud? No seu caso, a questão de direito está fora do Código e não pode ser julgada pelos juízes senão segundo as leis da consciência, como o júri faz nas questões delicadas que as singularidades sociais de alguns processos criminais apresentam. Ora, o senhor não tem filhos do seu matrimônio, ao passo que o conde Ferraud tem dois do dele; os juízes podem declarar nulo o casamento em que os laços são mais fracos, em favor do casamento que os tem mais fortes, uma vez que tenha havido boa-fé nos contratantes. Acha que será uma situação moral invejável querer, custe o que custar, ter na sua idade e nas circunstâncias em que se acha uma mulher que não mais o ama? Terá contra o senhor sua mulher e o marido, duas pessoas poderosas que poderão influenciar o tribunal. Assim, o processo possui elementos para se prolongar. O senhor terá tempo de envelhecer entre os mais cruéis desgostos.

— E minha fortuna?

— Julga então que tem uma grande fortuna?

— Pois não tinha eu trinta mil libras de renda?

— Meu caro coronel, em 1799, antes de seu casamento, o senhor fez um testamento pelo qual legava a quarta parte de sua fortuna aos asilos, não foi?

— Sim, é verdade.

— Pois bem, tendo sido o senhor considerado morto, foi necessário proceder a um inventário, a fim de dar essa quarta parte aos asilos. Sua mulher não teve escrúpulos em ludibriar os pobres. O inventário, no qual sem dúvida nenhuma ela se absteve de mencionar o dinheiro em espécie e as joias, no qual ela apresentou pouca prataria e em que o mobiliário foi avaliado dois terços abaixo do preço real, quer para favorecê-la, quer para pagar menores direitos ao fisco, e também porque os peritos avaliadores são responsáveis por suas estimativas, o inventário feito dessa forma fixou a fortuna em seiscentos mil francos. A parte de sua esposa correspondia à metade. Tudo foi vendido e arrematado por ela, ela auferiu vantagens em tudo, e os asilos receberam os seus setenta e cinco mil francos. Depois, como o fisco também herdava, visto que o senhor não tinha mencionado sua esposa no seu testamento, o imperador, por um decreto, restituiu à sua mulher a parte que tocava ao domínio público. Agora, a que tem direito o senhor? A trezentos mil francos somente, deduzidas as custas.

— E chama a isso justiça? — disse o coronel, assombrado.

— Mas, certamente...

— Bela justiça!

— Mas é assim, meu pobre coronel. Vê o senhor que o que julgava ser fácil está longe de o ser. A sra. Ferraud pode mesmo querer conservar a parte que lhe foi dada pelo imperador.

— Mas não sendo ela viúva, o decreto é nulo...

— De acordo. Mas tudo se questiona. Ouça-me. Creio que, nestas circunstâncias, quer para o senhor, quer para ela, uma transação é o melhor desfecho para o processo. O senhor ganhará uma fortuna mais considerável do que aquela a que tem direito.

— Isso seria vender minha mulher!

— Com vinte e quatro mil francos de renda, na situação em que se acha, o senhor terá mulheres que lhe convirão mais do que a sua e que o tornarão mais feliz. Tenho a intenção de ir hoje mesmo ver a sra. Ferraud, para sondar o terreno; mas não quis tomar essa iniciativa sem primeiro preveni-lo.

— Vamos juntos à casa dela...

— Nas condições em que o senhor está? — disse o advogado. — Não, não, coronel, não! O senhor poderia perder completamente seu processo.

— Meu processo pode ser ganho?

— Em todos os pontos — respondeu Derville. — Mas, meu caro coronel Chabert, o senhor não presta atenção a uma coisa. Eu não sou rico, ainda não paguei de todo a minha

banca. Se os tribunais lhe concederem uma *provisão*, isto é, uma quantia adiantada sobre a sua fortuna, eles não o farão senão depois de ter reconhecido sua identidade como conde Chabert, grande oficial da Legião de Honra.

— É mesmo, sou grande oficial da Legião, nem me lembrava — disse ingenuamente o coronel.

— Pois bem — disse Derville —, até chegarmos a esse ponto, teremos de pleitear, pagar advogados, custear os gastos judiciais, remunerar oficiais de Justiça e viver. As custas das instâncias preparatórias elevar-se-ão, calculadas por alto a mais de doze ou quinze mil francos. Eu não os tenho, pois vivo esmagado pelos juro enormes que pago à pessoa que me emprestou o dinheiro para comprar a minha banca. E o senhor, onde os encontrará?

Grossas lágrimas caíram dos olhos sumidos do pobre soldado e rolaram por suas faces enrugadas. Ante tanta dificuldade, sentiu-se desanimado. O mundo social e judiciário pesava-lhe sobre o peito como um pesadelo.

— Irei — exclamou — ao pé da coluna da praça Vendôme e de lá gritarei: “Sou o coronel Chabert, que rompeu o grande quadrado dos russos em Eylau!”. O bronze, esse me reconhecerá!

— E imediatamente o encerrarão no hospício de Charenton.

Ao ouvir o nome temido, a exaltação do militar esfriou.

— E no Ministério da Guerra, não haverá probabilidades para mim?

— Nas secretarias! — disse Derville. — Vá, mas com uma sentença bem em regra, que declare nula a certidão de seu falecimento. As secretarias fazem o possível para aniquilar a gente do Império.

O coronel ficou por um momento coibido, imóvel, olhando sem ver, mergulhado num desespero sem fim. A justiça militar é franca e rápida, decide à moda turca e quase sempre julga bem. Era essa a única justiça que Chabert conhecia. Ao ver o dédalo de dificuldades em que tinha de embrenhar-se, ao ver quanto dinheiro era preciso para percorrer suas sendas, o pobre soldado recebeu um golpe mortal nessa faculdade peculiar ao homem e que se denomina *vontade*. Pareceu-lhe impossível viver pleiteando; achou ser mil vezes mais simples conservar-se pobre, mendigando, engajar-se na cavalaria, se algum regimento o aceitasse. Os sofrimentos físicos e morais já lhe haviam estragado o corpo em alguns dos mais importantes órgãos. Estava à beira de uma dessas doenças para as quais a medicina não tem nome, cuja sede é de certa maneira móvel como o sistema nervoso, que parece ser o mais atacado de entre todos os de nossa máquina, afecção que se deveria denominar o *spleen* da desgraça. Por grave que já fosse aquele mal invisível, mas real, ainda era curável por meio de uma feliz conclusão. Para abalar completamente

aquela vigorosa organização, bastava um novo obstáculo, um fato imprevisto que lhe rompesse as molas enfraquecidas e produzisse essas hesitações, esses atos incompreendidos, incompletos, que os fisiologistas observam nos indivíduos arruinados pelos desgostos.

Tendo verificado os sintomas de um profundo abatimento em seu cliente, Derville disse-lhe:

— Anime-se, que a solução deste assunto não pode deixar de ser-lhe favorável. Apenas deve procurar ver se é capaz de confiar absolutamente em mim e aceitar cegamente a solução que eu julgar preferível para o senhor.

— Faça o que quiser — disse Chabert.

— Mas o senhor parece entregar-se a mim como um homem que caminha para a morte!

— Eu não vou ficar sem estado civil, sem nome? É isso tolerável?

— Não é o meu modo de ver — disse o advogado. — Nós demandaremos amigavelmente uma decisão para anular a declaração de seu óbito e seu casamento, a fim de que o senhor readquirira seus direitos. Até mesmo, por influência do conde Ferraud, o senhor será incorporado nos quadros do exército como general, obtendo dessa forma uma pensão.

— Faça o que entender; confio inteiramente no senhor.

— Vou mandar-lhe então uma procuração para o senhor assinar — disse Derville. — Adeus, tenha coragem! Se precisar de dinheiro, conte comigo.

Chabert apertou calorosamente a mão do advogado e ficou encostado na parede, sem forças para segui-lo a não ser com os olhos. Como todos os que pouco entendem de assuntos judiciais, estava atemorizado por aquela luta imprevista. Durante a conferência entre o coronel e Derville, por várias vezes, a figura de um homem destacara-se do pilar do portão da entrada, para espiar a saída do advogado e abordá-lo quando ele saísse. Era um homem velho, vestido com uma blusa azul e um casaco justo, pregueado semelhante aos dos cervejeiros, e com um gorro de lontra na cabeça; de rosto moreno, encovado, enrugado, mas com as maçãs coradas pelo excesso de trabalho e crestadas pelo ar livre.

— Queira desculpar, cavalheiro — disse a Derville, detendo-o pelo braço —, se tomo a liberdade de lhe falar; mas desconfiei, ao vê-lo, que o senhor era amigo do nosso general.

— E daí, em que se interessa por ele? Quem é o senhor? — perguntou o desconfiado advogado.

— Sou Luís Vergniaud — foi a resposta. — Preciso dizer-lhe duas palavras.

— E foi o senhor que alojou o conde Chabert assim como ele está?

— Perdão, desculpas, senhor; dei-lhe o melhor quarto. Eu lhe daria o meu se fosse o único que tivesse e iria dormir na estrebaria. Um homem que sofreu como ele, que ensina os meus guris a ler, um general, um egípcio, o primeiro-tenente sob cujas ordens servi... Não faltava mais nada! De modo nenhum; é ele quem está mais bem acomodado. Dividi com ele o que tinha. Infelizmente não era grande coisa, pão, leite, ovos; enfim, guerra é guerra! Foi dado de boa vontade. Mas ele nos vexou.

— Ele?

— Sim, senhor. Vexou o que se chama vexar. Eu me meti numa empresa acima das minhas forças e ele viu bem a coisa. E isso o contrariava; e, vai daí, começou a cuidar do cavalo! Eu então disse a ele: “Meu general!”. “Ora!”, me disse, “não quero estar aqui como um preguiçoso, faz muito tempo que eu sei pegar no pesado.” Eu tinha assinado uns vales para a compra da minha leitaria a um tal Grados... Conhece?

— Mas, meu caro, não tenho tempo para ouvi-lo. Diga-me apenas por que forma o coronel o vexou.

— Ele nos vexou, senhor; isso é tão verdade como eu me chamar Luís Vergniaud e como minha mulher chorou. Ele soube pelos vizinhos que nós não tínhamos nem um vintém para pagar o vale. O nosso veterano, sem dizer nada, foi juntando tudo o que o senhor dava para ele, esperou e caçou o vale, e pagou. Que pilhéria! E eu e minha mulher, que sabíamos que ele não tinha fumo, que se privava de fumar! Oh, agora todas as manhãs ele tem seus charutos! Nem que eu tivesse de me vender...! Não, ficamos vexados. Assim é que eu queria lhe propor para o senhor nos emprestar, visto que é um homem de bem, uma centena de escudos com garantia do nosso estabelecimento, a fim de nós lhe mandarmos fazer umas roupas e de lhe mobiliar o quarto. Ele pensou nos pagar, não é? Pois bem, ao contrário, vê o senhor, o velho nos endividou... e vexou! Ele não devia nos fazer essa afronta. Ele nos vexou, a nós que somos amigos dele! Palavra de honra, tão certo como eu me chamar Luís Vergniaud, prefiro sentar praça a deixar de lhe pagar esse dinheiro...

Derville contemplou o velho e deu alguns passos atrás para rever a casa, o pátio, o estrume, o estábulo, os coelhos, as crianças.

— Palavra — disse —, creio que um dos caracteres da virtude é não ser proprietário. Descansa, terás os teus cem escudos, e mesmo mais. Mas não serei eu quem tos dará; o coronel vai ser bastante rico para te ajudar, e eu não quero privá-lo desse prazer.

— E vai ser em breve?

— Sim.

— Ah, meu Deus, como minha mulher vai ficar contente!

E o rosto crestado do hospedeiro pareceu expandir-se.

— Agora — disse Derville para si mesmo, ao subir a seu cabriolé —, vamos à casa do nosso adversário. Não lhe deixemos ver nosso jogo e busquemos conhecer o dele, para assim ganharmos a partida com um único golpe. Seria bom assustá-lo? É mulher. Vejamos, do que mais têm medo as mulheres? Ora, as mulheres só se assustam de...

Pôs-se a estudar a situação da condessa e caiu numa dessas meditações a que costumam entregar-se os grandes políticos quando elaboram seus planos, procurando adivinhar o segredo dos gabinetes inimigos. Não são os advogados de algum modo homens de Estado encarregados de interesses privados? Uma olhada sobre a situação do conde Ferraud e de sua mulher torna-se necessária aqui para fazer compreender o talento do advogado.

O conde Ferraud era filho de um antigo conselheiro no Parlamento de Paris, que imigrara durante o Terror e que, se salvara a cabeça, perdera, entretanto, a fortuna. Voltou sob o consulado e permaneceu constantemente fiel aos interesses de Luís XVIII, entre cujos cortesãos vivera o pai antes da Revolução. Pertencia, pois, àquela parte do Faubourg Saint-Germain que resistiu nobremente às seduções de Napoleão. A reputação de capacidade granjeada pelo jovem conde, que era então simplesmente sr. Ferraud, tornou-o alvo das atenções do imperador, que, às vezes, sentia-se tão ufano de suas conquistas sobre a aristocracia quanto da vitória de uma batalha. Prometeram ao conde a restituição de seu título, a de seus bens vendidos, e deixaram-lhe entrever ao longe um ministério ou uma senatoria. O imperador fracassou. O sr. Ferraud, por ocasião da morte do conde Chabert, era um rapaz de vinte e seis anos, sem fortuna, possuidor de um físico agradável, que tinha êxitos e que o Faubourg Saint-Germain adotara como uma de suas glórias; mas a condessa Chabert soubera valorizar tão bem a sucessão do marido que, depois de dezoito meses de viuvez, possuía cerca de quarenta mil libras de renda. Seu casamento com o jovem não foi uma novidade para as rodas do Faubourg Saint-Germain. Feliz por aquele casamento que atendia a suas ideias de aliança, Napoleão restituiu à sra. Chabert a parte dos bens que cabia ao fisco pela sucessão do coronel; mas a esperança de Napoleão foi outra vez frustrada. A sra. Ferraud não amava no moço apenas o amante; fora seduzida também pela ideia de entrar naquela sociedade desdenhosa que, não obstante sua humilhação, dominava a corte imperial. Sua vaidade tanto como suas paixões satisfiziam-se com aquele casamento. Ia tornar-se uma mulher “*comme il faut*”.

Quando o

Faubourg Saint-Germain soube que o casamento do jovem conde não importava uma defecção, os salões abriram-se para sua esposa. Veio a Restauração. A ascensão política do conde Ferraud não foi rápida. Ele compreendia as exigências da posição na qual se achava Luís xviii. Fazia parte do grupo dos iniciados que esperavam *se fechasse o abismo das revoluções*, porquanto essa frase da realeza, da qual tanto zombaram os liberais, ocultava um sentido político. Não obstante, a ordenança citada na longa fase clerical em que se inicia esta história havia-lhe restituído duas florestas e uma propriedade rural, cujo valor aumentara consideravelmente durante o sequestro. Nessa ocasião, conquanto o conde Ferraud fosse conselheiro de Estado e diretor-geral, considerava sua posição apenas como o começo de sua carreira política. Absorvido pelas preocupações de uma ambição extremada, ligara a sua pessoa, na qualidade de secretário, um antigo advogado arruinado, chamado Delbecq, homem mais do que hábil, que conhecia admiravelmente os recursos da chicana e ao qual entregara a direção de seus negócios particulares. O manhoso prático compreendera bastante bem sua posição na casa do conde, para ser probo em especulação. Esperava guindar-se a um posto qualquer, pelo prestígio do patrão, cuja fortuna era objeto de todos os seus cuidados. Seu procedimento desmentia de tal forma sua vida passada que era tido por um homem caluniado. Com o tato e a finura de que todas as mulheres são mais ou menos dotadas, a condessa, que compreendera seu intendente, vigiava-o habilmente e sabia manejá-lo tão bem que já tirara dele um bom partido para o aumento de sua fortuna particular. Soubera persuadir Delbecq de que ela governava o sr. Ferraud e prometera fazê-lo nomear presidente de um tribunal de primeira instância numa das mais importantes cidades da França, se ele se dedicasse inteiramente a seus interesses. A promessa de um cargo inamovível que lhe permitiria casar-se vantajosamente e conquistar mais tarde uma alta posição na carreira política como deputado fizera de Delbecq a alma danada da condessa. Não lhe deixou perder nem uma das oportunidades favoráveis que as oscilações da Bolsa e a alta das propriedades forneceram, em Paris, às pessoas espertas durante os três primeiros anos da Restauração. Triplicara o capital de sua protetora, com tanto maior facilidade por parecerem bons à condessa todos os meios para engrossar sua fortuna. Ela empregava os emolumentos dos postos ocupados pelo marido nas despesas da casa a fim de poder capitalizar seus lucros, e Delbecq prestava-se aos cálculos dessa avareza sem lhes indagar os motivos. Essa espécie de gente só se preocupa com os segredos cuja descoberta é necessária aos próprios interesses. Aliás, ele achava tão naturalmente esses motivos na sede de ouro de que são possuídas quase todas as parisienses, e era preciso uma tão grande fortuna para apoiar as

pretensões do conde Ferraud, que o intendente julgava, às vezes, entrever, na avidez da condessa, um efeito de sua dedicação ao homem pelo qual estava continuamente apaixonada. A condessa enterrara os segredos de sua conduta no fundo do coração. Lá existiam segredos de vida e de morte para ela, e lá estava precisamente o nó desta história. Nos começos de 1818, a Restauração firmou-se em bases na aparência inabaláveis; suas doutrinas governamentais, compreendidas pelos espíritos superiores, pareceram a estes dever trazer para a França uma nova era de prosperidade, mudando então a face da sociedade parisiense. Assim, pois, quis o acaso que a condessa Ferraud tivesse feito ao mesmo tempo um casamento de amor, de dinheiro e de ambição. Jovem ainda e bela, a sra. Ferraud representou o papel de uma mulher na moda e viveu na atmosfera da corte. Rica por sua parte, rica pelo marido, o qual, apontado como um dos homens mais competentes do partido realista e amigo do rei, parecia destinado a algum ministério, ela pertencia à aristocracia, da qual partilhava o esplendor. No meio desse triunfo, invadiu-a um câncer moral. Existem sentimentos que as mulheres adivinham, por maiores que sejam os cuidados empregados pelos homens para ocultá-los. Por ocasião da primeira volta do rei, o conde Ferraud começara a ter arrependimentos por seu matrimônio. A viúva do coronel Chabert não lhe trouxera alianças com ninguém e ele se via só e sem apoio para orientar-se numa carreira em que abundavam escolhos e inimigos. E, também, talvez, depois de ter julgado friamente sua esposa, verificasse nela alguns vícios de educação que a tornavam imprópria a secundá-lo em seus projetos. Uma palavra dita por ele a propósito do casamento de Talleyrand[173] esclareceu a condessa, para a qual ficou provado que, se seu casamento ainda estivesse por se realizar, jamais ela seria a condessa Ferraud. Qual mulher perdoaria esse arrependimento? Não estão nele, por acaso, em germe, todas as injúrias, todos os crimes, todos os repúdios? Imagine-se a chaga que essa palavra devia abrir no coração da condessa, se supusermos que ela temesse a volta de seu primeiro marido! Ela o soubera vivo, ela o tinha repellido. Depois, durante o tempo em que não mais ouvira falar nele, comprouve-se em acreditá-lo morto em Waterloo com as águias imperiais, em companhia de Boutin. Não obstante, ela concebeu o projeto de ligar o conde a si pelo mais forte dos laços, a corrente de ouro, e quis ser tão rica que sua fortuna tornasse seu segundo casamento indissolúvel, se por acaso o conde Chabert tornasse a aparecer. E ele reaparecera, sem que ela pudesse explicar-se o motivo pelo qual a luta que temia não se tivesse iniciado ainda. Era admissível que os sofrimentos, a doença a tivessem liberado daquele homem. Ou senão, talvez, estivesse ele meio louco e nesse caso Charenton seria um bom aliado. Não quisera pôr nem Delbecq nem a polícia a par de seu segredo, pelo receio de assim pôr-se à mercê

de um homem ou de precipitar a catástrofe. Existem, em Paris, muitas mulheres que, como a condessa Ferraud, vivem com um monstro moral ignorado ou beiram um abismo; provocam uma calosidade no lugar da afecção e podem ainda rir e divertir-se.

— Há algo de muito singular na situação do conde Ferraud — murmurou Derville para seus adentros, ao sair de sua demorada cisma, no momento em que o cabriolé detinha-se na rue de Varennes, à porta do palacete Ferraud. — Por que será que, rico, amigo do rei, ainda não é par de França? É verdade que talvez entre na política do rei, como me dizia a sra. de Grandlieu, atribuir grande importância ao pariato, não o prodigalizando. De resto, o filho de um conselheiro junto ao Parlamento não é um Crillon ou um Rohan. O conde Ferraud não pôde entrar na Câmara alta a não ser sub-repticiamente. Mas se seu casamento fosse anulado, não poderia ele fazer recair sobre si — com grande satisfação do rei — o pariato de um desses velhos senadores que têm somente filhas? “Aqui está certamente uma boa história para explorar, a fim de assustar nossa condessa”, pensou ele ao subir a escadaria exterior.

Sem saber, Derville pusera o dedo na chaga secreta, mergulhara a mão no câncer que corroía a sra. Ferraud. Ela o recebeu numa bonita sala de jantar de inverno, onde se estava divertindo com um macaco preso por uma corrente a uma espécie de poste guarnecido de varas de ferro. A condessa estava envolta num elegante *peignois*; os cachos de seus cabelos, negligentemente penteados, escapavam de dentro de uma touca que lhe dava um ar brejeiro. Apresentava-se risonha e bem-disposta. A prata, os dourados, o nácar cintilavam sobre a mesa, e em torno dela havia flores raras, plantadas em magníficos vasos de porcelana. Ao ver a esposa do conde Chabert, rica pelos despojos do marido, no seio do luxo, no cimo da sociedade, enquanto o infeliz vivia em casa de um pobre leiteiro entre animais, o advogado disse a si mesmo: “A moral de tudo isto é que uma linda mulher jamais quererá reconhecer seu marido, nem mesmo seu amante, num homem vestido com uma velha capa, com uma peruca de grama e com as botinas furadas”. Um sorriso malicioso e sarcástico exprimiu as ideias meio filosóficas e meio zombeteiras que deviam acudir a um homem tão bem colocado para conhecer o fundo das coisas, apesar das mentiras sob as quais a maioria das famílias parisienses oculta sua existência.

— Bom dia, sr. Derville — disse ela, continuando a dar café ao macaco.

— Senhora — disse ele bruscamente, pois o tom frívolo com que a condessa lhe dissera “Bom dia, sr. Derville” o havia chocado — venho falar-lhe de um assunto bastante grave.

— Isso *desespera-me*, porque o conde está ausente...

— E a mim me encanta, senhora. Seria *desesperador* que ele assistisse à nossa

conferência. De resto, sei por Delbecq que a senhora gosta de fazer seus negócios por si mesma, sem aborrecer o senhor conde.

— Nesse caso, vou mandar chamar Delbecq — disse ela.

— Não obstante a sua habilidade, ele lhe seria inútil. Ouça, senhora, uma palavra bastará para deixá-la séria. O conde Chabert está vivo.

— E é dizendo-me semelhantes chocarrices que quer que eu fique séria? — disse ela, soltando uma gargalhada.

Mas dentro em pouco a condessa foi domada pela estranha lucidez do olhar fixo com o qual Derville a interrogava, parecendo ler-lhe no fundo da alma.

— Senhora — disse ele com fria gravidade —, ignora com certeza a extensão dos perigos que a ameaçam. Não lhe falarei da incontestável autenticidade dos documentos, nem da certeza das provas que atestam a existência do conde Chabert. Não sou homem que se encarregue de uma causa má, a senhora o sabe. Se a senhora se opuser à anulação que pretendemos da declaração do óbito, perderá esse primeiro processo, e essa questão, resolvida a nosso favor, nos fará ganhar os outros.

— Mas então de que pretende falar-me?

— Nem do coronel, nem da senhora. Não lhe falarei tampouco dos memoriais que advogados espirituosos poderiam fazer, armados com os fatos curiosos desta causa, e do partido que tirariam das cartas que a senhora recebeu de seu primeiro marido antes da celebração de seu segundo casamento.

— Isso é falso! — disse ela com toda a violência de uma mulher presumida. — Nunca recebi carta do conde Chabert; e se alguém diz ser o coronel, não pode ser senão um aventureiro, algum grilheta liberado, como Cogniard, talvez. Fico arrepiada só de pensar nisso. Como pode o coronel ressuscitar, senhor? Bonaparte apresentou-me, por um ajudante de campo, pêsames pela morte de meu marido, e hoje recebo três mil francos de pensão, concedidos à sua viúva pelas Câmaras. Tive mil vezes razão de repelir todos os Chabert que têm surgido, como, de resto, repelirei todos os que surgem.

— Felizmente estamos sós, senhora. Podemos mentir à vontade — disse ele friamente, divertindo-se em espicaçar a cólera que agitava a condessa, a fim de lhe arrancar algumas indiscrições, por meio de uma manobra familiar aos solicitadores, habituados a se conservarem calmos enquanto seus adversários ou clientes se arrebataam. “A nós dois”, disse a si próprio, ideando no mesmo momento uma armadilha para demonstrar à condessa sua fraqueza.

— A prova da entrega da primeira carta existe, senhora — disse ele —, pois continha valores...

— Oh! Quanto a valores, não é verdade.

— Quer isso, pois, dizer que recebeu essa primeira carta — disse Derville sorrindo. — Já se deixou cair no primeiro laço que lhe arma um solicitador e julga poder lutar com a Justiça...

A condessa corou, empalideceu, escondeu o rosto nas mãos. Depois, sacudiu o pejo e com o sangue-frio peculiar às mulheres dessa espécie replicou:

— Uma vez que é o solicitador do suposto Chabert, queira ter a bondade de...

— Senhora — disse Derville, interrompendo-a —, neste momento sou seu solicitador tanto como do coronel. Acredita que eu queira perder uma clientela tão valiosa quanto a sua? Mas não me está ouvindo...

— Fale, senhor — disse ela graciosamente.

— Sua fortuna veio-lhe do conde Chabert e a senhora o repeliu. Sua fortuna é colossal e a senhora o deixa mendigar. Senhora, os advogados são muito eloquentes quando as causas são eloquentes por si mesmas; existem aqui circunstâncias capazes de sublevar contra a senhora a opinião pública.

— Mas, senhor — disse a condessa, impacientada pelo modo por que Derville a virava e revirava sobre a grelha —, admitindo que o seu Chabert exista, os tribunais manterão meu segundo matrimônio por causa das crianças e ficarei quite restituindo ao sr. Chabert duzentos e vinte e cinco mil francos.

— Senhora, não sabemos por que lado os tribunais vão encarar a questão sentimental. Se por um lado temos uma mãe e seus filhos, temos, por outro, um homem acabrunhado pela desgraça, envelhecido pela senhora, por suas recusas. Onde poderá ele encontrar uma esposa? E, ademais, podem os juízes ir de encontro à lei? Seu casamento com o coronel tem, por direito, a prioridade. Mas se a senhora for apresentada com cores odiosas, poderá ter um adversário que não espera. É aí, senhora, que está o perigo do qual a quero preservar.

— Um novo adversário? — disse ela. — Quem?

— O sr. conde Ferraud.

— O conde Ferraud tem por mim grande afeição e imenso respeito pela mãe de seus filhos...

— Não diga tais tolices a solicitadores habituados a ler no fundo dos corações — disse Derville, interrompendo-a. — Neste momento o sr. Ferraud não tem a menor vontade de desmanchar seu casamento, e estou convencido de que a adora; mas se alguém fosse dizer-lhe que seu casamento pode ser anulado, que sua esposa vai ser levada como

criminosa ao tribunal da opinião pública...

— Ele me defenderia, senhor!

— Não, minha senhora.

— Que motivo teria ele para abandonar-me?

— O de desposar a filha única de um par de França, cujo pariato lhe seria transmitido por ordenança do rei.

A condessa empalideceu.

“Cheguei ao que queria”, disse Derville consigo mesmo. “Bem, tenho-te segura, a questão do pobre coronel está ganha.”

Continuou em voz alta:

— Ademais, senhora, os remorsos dele seriam pequenos, pois que um homem coberto de glória, general, conde, grande oficial da Legião de Honra não deixa de ter o seu valor; de modo que se esse homem lhe reclamasse a esposa...

— Basta! Basta! Senhor! — disse ela. — Nunca terei outro solicitador que não o senhor. Que fazer?

— Transigir — disse Derville.

— Ele ainda me ama? — perguntou ela.

— Mas não creio que pudesse ser de outra forma.

A essas palavras, a condessa ergueu a cabeça. Um clarão de esperança brilhou em seus olhos; talvez contasse especular com a ternura de seu primeiro marido, a fim de ganhar o processo por meio de algum ardil feminino.

— Esperarei suas ordens, senhora, para saber se devemos notificá-la ou se quer vir ao meu escritório para estabelecermos as bases de uma transação — disse Derville, saudando a condessa.

Oito dias depois das duas visitas feitas por Derville, numa bela manhã de junho, os esposos, separados por um acaso quase sobrenatural, partiram dos dois extremos de Paris para se encontrar no escritório do advogado de ambos. Os adiantamentos largamente feitos por Derville ao coronel Chabert tinham permitido a este apresentar-se vestido de acordo com sua categoria social. Assim é que o defunto veio num cabriolé muito decente. Cobria-lhe o crânio uma peruca apropriada a sua fisionomia, vestia um fraque de pano azul, com roupa branca, e por baixo do colete a fita vermelha dos grandes oficiais da Legião de Honra. Ao readquirir a abastança, recuperara sua antiga elegância marcial. Mantinha-se ereto. Seu semblante grave e misterioso, no qual se estampavam a felicidade e todas as suas esperanças, parecia rejuvenescido e mais cheio. Não se parecia mais com o Chabert da velha capa do que uma moeda de cobre se parece com uma de quarenta

francos, recentemente cunhada. Ao vê-lo, os transeuntes facilmente reconheceriam nele um desses belos destroços de nosso antigo exército, um desses homens heroicos nos quais se reflete nossa glória nacional e que a representam como um fragmento de espelho iluminado pelo sol parece refletir todos os seus raios. Esses velhos soldados são ao mesmo tempo quadros e livros. Quando o conde desceu do carro para subir ao gabinete de Derville, saltou agilmente como o faria um rapaz. Logo depois de se ter retirado o cabriolé em que viera, chegou um formoso cupê com brasões. A condessa Ferraud saiu dele com uma *toilette* simples, mas habilmente calculada para mostrar a mocidade de seu busto. Cobria-lhe a cabeça uma bonita capota forrada de seda cor-de-rosa que lhe emoldurava perfeitamente o rosto, dissimulando-lhe os contornos e reavivando-os. Mas se os clientes haviam remoçado, o escritório permanecera o que era e apresentava, naquele momento, o quadro descrito no começo desta história. Simonin merendava, com o ombro apoiado na janela, que agora estava aberta, e olhava o azul do céu pela abertura do pátio cercado por quatro edifícios.

— Ah, — exclamou o garoto — quem quer apostar um espetáculo em como o coronel Chabert é general e condecorado?

— O patrão é um notável feiticeiro — disse Godeschal.

— Então desta vez não podemos fazer-lhe nenhuma brincadeira? — perguntou Desroches.

— A mulher dele se encarregará disso — comentou Boucard.

— Mas então — disse Godeschal — a condessa Ferraud vai ser obrigada a repartir-se entre dois...

— Aí vem ela! — exclamou Simonin.

Nesse instante o coronel entrou e perguntou por Derville.

— Ele está, senhor conde — disse Simonin.

— Com que então não és surdo, meu patife? — disse Chabert, pegando Simonin pela orelha e torcendo-a, com grande satisfação dos praticantes, que se puseram a rir, contemplando o coronel com a curiosa consideração devida àquele estranho personagem.

O conde Chabert estava no gabinete de Derville no momento em que sua esposa entrou pela porta do escritório.

— Hein! Boucard, que cena vai se passar no gabinete do patrão! Aqui está uma mulher que pode ir nos dias pares à casa do conde Ferraud e nos ímpares à do conde Chabert!

— Nos anos bissextos — disse Godeschal — a conta está certa.

— Calem-se, senhores! Olhem que podem ouvi-los — disse severamente Boucard. —

Nunca vi escritório em que se faça troca dos clientes como aqui.

Derville fizera o conde passar para seu quarto, quando a condessa se apresentou.

— Senhora — disse-lhe ele —, como não sabia se lhe seria agradável encontrar-se com o conde Chabert, separei-os. Contudo, se deseja...

— Senhor, é uma atenção que lhe agradeço.

— Preparei a minuta de um convênio cujas condições poderão ser discutidas pela senhora e pelo sr. Chabert agora mesmo. Irei alternativamente, de um para o outro, apresentar-lhes as respectivas opiniões.

— Vamos ver, senhor — disse a condessa, deixando escapar um gesto de impaciência.

Derville leu:

— “Entre os abaixo assinados: O sr. Jacinto, por apelido Chabert, conde, marechal de campo e grande oficial da Legião de Honra, residente em Paris, na rue Petit-Banquier, por um lado; E a sra. Rosa Chapotel, esposa do sr. conde Chabert, acima citado, nascida...”

— Leia mais adiante — disse ela —; deixemos os preâmbulos e vamos às condições.

— Senhora — disse o advogado —, o preâmbulo explica sucintamente a situação em que ambos se encontram. Depois, pela cláusula primeira, a senhora reconhece, na presença de três testemunhas, que são dois tabeliães e o leiteiro em cuja casa reside seu marido, às quais confiei a questão sob compromisso de segredo e que portanto o guardarão religiosamente; a senhora reconhece, dizia eu, que o indivíduo designado nas atas juntas à assinatura, e cujo estado está de resto estabelecido por um ato público preparado no cartório de Alexandre Crottat, seu notário, é o conde Chabert, seu primeiro esposo. Pela cláusula segunda, o conde Chabert, no interesse da felicidade da senhora, compromete-se a não fazer uso de seus direitos a não ser nos casos previstos pela própria ata. E esses casos — continuou Derville, fazendo uma espécie de parêntese — não são outros mais do que a não execução das cláusulas deste convênio secreto. Por seu lado, o sr. Chabert consente em demandar de pleno acordo com a senhora um julgamento que anulará a declaração de seu óbito e estipulará a dissolução de seu casamento.

— Isso não me convém absolutamente — disse a condessa, admirada —; não quero processos. E o senhor sabe por quê.

— Pela cláusula terceira — disse o advogado, continuando com fleuma imperturbável — a senhora se compromete a constituir em nome de Jacinto, conde Chabert, uma renda vitalícia de vinte e quatro mil francos, inscrita no Grande-Livro da dívida pública, mas cujo capital lhe será devolvido por morte dele...

— Mas é muito caro! — disse a condessa.

— Acha que pode transigir por menos?

— Talvez.

— Que quer então a senhora?

— Eu quero, eu não quero processos, eu quero...

— Que ele continue morto — disse Derville com veemência, interrompendo-a.

— Senhor, se é preciso vinte e quatro mil libras de renda, questionaremos.

— Sim, questionaremos! — exclamou com voz abafada o coronel, que abriu a porta e surgiu, de repente, diante da esposa, com uma mão no colete e a outra estendida para o chão, gesto ao qual a recordação de sua ventura dava uma horrível energia.

— É ele! — disse a condessa para si mesma.

— Muito caro! — continuou o velho soldado. — Dei-lhe cerca de um milhão e a senhora regateia com a minha desgraça. Pois bem! Quero agora a senhora e a sua fortuna. Há comunhão de bens entre nós, nosso casamento não foi anulado...

— Mas este senhor não é o coronel Chabert! — exclamou a condessa, fingindo surpresa.

— Ah! — disse o ancião em tom profundamente irônico. — Quer provas? Recolhi-a no Palais-Royal...

A condessa empalideceu. Vendo-a empalidecer sob a pintura, o velho soldado, impressionado com o sofrimento que impunha a uma mulher outrora amada com ardor, deteve-se; mas ela dirigiu-lhe um olhar tão venenoso que ele recomeçou:

— A senhora estava em casa de...

— Por favor, cavalheiro — disse a condessa ao advogado —, permita que me retire. Não vim aqui para ouvir tais horrores.

Levantou-se e saiu. Derville precipitou-se no escritório. A condessa como que achara asas e voara. Ao voltar a seu gabinete, o solicitador encontrou o coronel num violento acesso de ira e caminhando de um lado para outro, a largos passos.

— Naquele tempo cada um ia buscar sua mulher onde quisesse — dizia ele —, mas errei escolhendo-a tão ruim, fiando-me nas aparências. Ela não tem coração!

— E então, coronel, não tinha eu razão ao pedir-lhe que não viesse? Tenho agora certeza da sua identidade. Quando o senhor se mostrou, a condessa fez um gesto cuja significação não era equívoca. Mas perdeu seu processo; sua mulher sabe agora que o senhor é irreconhecível.

— Eu a matarei.

— Loucura! Será preso e guilhotinado como um miserável. Ademais, é bem possível que erre o golpe e isso seria imperdoável, por quanto nunca se deve falhar quando se quer

matar a esposa. Deixe-me reparar suas tolices, criança grande! Vá embora. Tome cuidado consigo, pois ela seria capaz de fazê-lo cair numa armadilha e fazê-lo encerrar em Charenton. Vou notificá-la da nossa ação, para pô-lo ao abrigo de qualquer surpresa.

O velho coronel obedeceu a seu jovem benfeitor e saiu balbuciando desculpas. Ia descendo lentamente os degraus da escada escura, abismado em sombrios pensamentos, talvez acabrunhado pelo golpe que acabara de receber, o qual fora para ele o mais cruel, o que mais profundamente lhe penetrara no coração, quando ouviu, ao chegar ao último patamar, o ruje-ruje de um vestido, e a esposa se lhe apresentou.

— Venha, senhor — disse-lhe ela, tomando-lhe o braço com um gesto semelhante aos que lhe eram familiares noutros tempos.

O ato da condessa e a tonalidade de sua voz, que vovera a ser graciosa, bastaram para acalmar a cólera do coronel, o qual se deixou levar até o carro.

— Vamos, suba! — disse-lhe a condessa, depois que o laçaiio baixou estribo.

E, como por encanto, ele se viu sentado no cupê, junto à esposa.

— Aonde quer ir, senhora? — perguntou o laçaiio.

— A Groslay — respondeu ela.

Os cavalos partiram e atravessaram Paris.

— Senhor! — disse a condessa ao coronel, com um som de voz que revelava uma dessas emoções raras na vida e pelas quais tudo se agita em nós. Nesses momentos, coração, fibras, nervos, fisionomia, alma e corpo, tudo, mesmo cada poro, estremece. Parece que a vida não existe mais em nós: sai e jorra, comunica-se como um contágio, transmite-se pelo olhar, pelo acento da voz, pelos gestos, impondo nossa vontade aos outros. O velho soldado estremeceu ao ouvir aquela única palavra, aquele primeiro e terrível “Senhor!”. E que era ao mesmo tempo uma exprobação, uma prece, um perdão, uma esperança, um desespero, uma interrogação, uma resposta. Aquela palavra encerrava tudo. Era preciso ser uma comediante para pôr tanta eloquência, tanto sentimento numa palavra só. O verdadeiro não é tão completo em sua expressão, não exterioriza tudo; ele deixa ver tudo o que está no interior. O coronel sentiu mil remorsos de suas suspeitas, de suas exigências, de sua cólera, e baixou os olhos para não deixar perceber sua perturbação.

— Senhor — continuou a condessa após uma pausa imperceptível —, eu o reconheci perfeitamente!

— Rosina — disse o velho soldado —, essas palavras são o único bálsamo capaz de me fazer esquecer minhas desgraças.

Duas grossas lágrimas caíram, ainda quentes, nas mãos de sua esposa, que ele

apertava com carinho paternal.

— Senhor — disse ela —, como é possível que não compreendesse o quanto me doía aparecer ante um estranho numa posição tão falsa como era a minha! Se devo corar da minha situação, que ao menos seja em família! Não acha que este segredo deve permanecer sepultado em nossos corações? O senhor me absolverá, assim o espero, da minha aparente indiferença pelas desgraças de um Chabert em cuja existência eu não devia crer. Recebi suas cartas — disse ela com vivacidade, ao ler nas feições do marido a objeção que nelas transparecia —, mas chegaram-me às mãos treze meses depois da batalha de Eylau; estavam abertas, sujas, a letra era irreconhecível e tive de acreditar, depois de ter obtido a assinatura de Napoleão no mesmo novo contrato de casamento, que um hábil explorador quisesse ludibriar-me. Para não perturbar a tranquilidade do conde Ferraud e não alterar os laços da família, tive, pois, de tomar precauções contra um falso Chabert. Não lhe parece que eu tinha razão? Diga.

— Sim, tinha razão; eu é que sou um idiota, um animal, uma besta por não ter calculado melhor as consequências de semelhante situação. Mas aonde vamos? — perguntou o coronel ao ver-se na barreira de La Chapelle.

— A minha casa de campo, perto de Groslay, no vale de Montmorency. Lá, senhor, refletiremos juntos sobre a resolução que deveremos tomar. Conheço meus deveres. Se sou sua de direito, não lhe pertença mais de fato. Quererá, acaso, que nos tornemos objeto de chacota de toda Paris? Não ponhamos o público a par desta situação, que tem para mim um lado ridículo, e saibamos resguardar nossa dignidade. O senhor ainda me ama — disse ela, dirigindo ao coronel um olhar triste e meigo —, mas não estava eu autorizada a estabelecer outros laços? Nesta situação singular, diz-me uma voz secreta que eu tenha fé na sua bondade, que tão bem reconheço. Estarei em erro por tomá-lo como único e exclusivo árbitro da minha sorte? Seja ao mesmo tempo parte e juiz. Confio-me à nobreza de seu caráter. Sei que terá a bondade de me perdoar os resultados de faltas inocentes. Confesso-lhe, pois, que amo o sr. Ferraud. Julguei-me com o direito de amá-lo. Não coro desta confissão que lhe faço; se ela o ofende, não nos desonra. Não lhe posso ocultar os fatos. Quando o acaso me fez viúva, eu não era mãe.

O coronel fez com a mão um sinal à esposa para lhe impor silêncio, e ficaram sem proferir uma única palavra durante um percurso de meia légua. Chabert como que via as duas crianças diante dele.

— Rosina!

— Senhor?

— É então um erro os mortos voltarem?

— Oh, não, senhor, não! Não me julgue ingrata. Acontece apenas que o senhor encontra uma amiga, uma mãe, onde tinha deixado uma esposa. Se não depende mais de minha vontade amá-lo, sei o quanto lhe devo e posso ainda oferecer-lhe os carinhos de uma filha.

— Rosina — disse o velho com voz meiga —, não tenho mais nenhum ressentimento contra ti. Esqueceremos tudo — acrescentou com um desses sorrisos cuja doçura é sempre o reflexo de uma alma bela. — Sou bastante delicado para não exigir simulacros de amor numa mulher que não mais me ama.

A condessa dirigiu-lhe um olhar tão cheio de gratidão que o pobre Chabert quisera voltar para a fossa de Eylau. Certos homens têm uma alma bastante forte para tais dedicações, nas quais, para eles, a recompensa reside na certeza de terem feito a felicidade da pessoa amada.

— Meu amigo, falaremos de tudo isto mais tarde, com o coração descansado — disse a condessa.

A conversação tomou outro rumo, pois era impossível continuar por muito tempo naquele assunto. Conquanto os dois esposos se referissem com frequência a sua estranha situação, fosse por meio de alusões ou seriamente, fizeram uma viagem encantadora, recordando os acontecimentos de sua vida passada e as coisas do Império. A condessa soube imprimir uma doce sedução a essas recordações e matizou a palestra com uma tinta de melancolia necessária para manter-lhe a gravidade. Fazia reviver o amor sem excitar nenhum desejo e deixava que seu primeiro marido entreviesse todas as riquezas morais que ela adquirira, procurando acostumá-lo à ideia de restringir sua felicidade exclusivamente aos gozos que um pai experimenta perto de uma filha querida. O coronel conhecera a condessa do Império, via agora uma condessa da Restauração. Finalmente, o casal chegou por um atalho a um grande parque situado no pequeno vale que separa as alturas de Magency da bonita aldeia de Groslay. A condessa possuía ali uma casa deliciosa, onde o coronel viu, ao chegar, todos os preparativos exigidos por sua estada e a de sua mulher. A desgraça é uma espécie de talismã cuja virtude consiste em fortalecer nossa primitiva constituição: em certos homens aumenta-lhes a desconfiança e a maldade, assim como amplia a bondade dos que têm um coração excelente. O infortúnio tornara o coronel mais prestativo e melhor do que antes fora; ele podia, pois, iniciar-se no segredo dos sofrimentos femininos ignorados pela maioria dos homens. Não obstante, apesar de sua pouca desconfiança, não pôde deixar de dizer à esposa:

— Pelo que vejo, tinha certeza de me trazer aqui.

O tom da verdade que ela soube pôr nessa resposta dissipou as leves suspeitas que o coronel se envergonhou de ter nutrido. Durante três dias a condessa foi admirável ao lado de seu primeiro marido. Por seus ternos cuidados e constante doçura, ela parecia querer apagar a recordação dos sofrimentos que ele suportara e se fazer perdoar as desgraças que, segundo suas confissões, ela inocentemente causara. Comprazia-se em ostentar para ele os encantos a que o sabia sensível, embora dando-lhe a perceber uma certa melancolia; porque somos mais particularmente acessíveis a certas maneiras, a certas graças do coração ou do espírito às quais não resistimos. Ela queria interessá-lo em sua situação, enternecê-lo o suficiente para apoderar-se de seu espírito e dispor dele soberanamente. Decidida a tudo para alcançar seus fins, ainda não sabia o que fazer daquele homem, mas estava resolvida a aniquilá-lo socialmente. Na tarde do terceiro dia, ela sentiu que, apesar de seus esforços, não podia ocultar a inquietação que lhe causava o resultado de seus manejos. Para estar um momento à vontade, subiu a seus aposentos, sentou-se a sua secretária, tirou a máscara de tranquilidade que conservava diante do conde, tal como uma atriz que, ao voltar cansada para o seu camarim, depois de um penoso quinto ato, cai semimorta e deixa de si, na sala, uma imagem que em nada se lhe assemelha. Pôs-se a terminar uma carta começada que escrevia a Delbecq, ao qual pedia que fosse em seu nome ao escritório de Derville pedir uma vista dos autos concernentes ao coronel Chabert, copiá-los e vir imediatamente encontrá-la em Groslay. Mal tinha acabado, quando ouviu no corredor o ruído dos passos do coronel, que, muito inquieto, vinha procurá-la.

— Ai de mim! — disse ela em voz alta. — Quisera estar morta! Minha situação é intolerável...

— Então, que é isso? Que tem? — perguntou o pobre-diabo.

— Nada, nada — disse ela.

Ergueu-se, deixou o coronel e desceu para falar, sem testemunhas, com sua criada de quarto, a qual mandou a Paris, recomendando-lhe que ela própria entregasse a Delbecq a carta que acabara de escrever e que a trouxesse de volta logo que ele a tivesse lido. Depois disso, a condessa foi sentar-se num banco onde ficou bem à vista, para que o coronel viesse ter com ela logo que quisesse. Este, que já andava em busca da esposa, veio imediatamente e sentou-se ao lado dela.

— Rosina — disse-lhe —, que tem?

Ela não respondeu. A tarde era uma dessas tardes magníficas e calmas cujas secretas

harmonias esparzem, no mês de junho, tantas suavidade no pôr do sol. O ar era puro e o silêncio, profundo, de modo que se podiam ouvir, nos confins do parque, as vozes de algumas crianças que acrescentavam uma espécie de melodia às sublimidades da paisagem.

— Não me responde? — perguntou o coronel.

— Meu marido... — disse a condessa, que se deteve, fez um gesto e perguntou-lhe ruborizando-se: — Como devo dizer, quando me refiro ao sr. conde Ferraud?

— Chama-o de teu marido, minha pobre filha — respondeu o coronel com voz bondosa —; não é ele o pai de teus filhos?

— Pois bem! — continuou ela. — Se ele me perguntar o que eu vim fazer aqui, se ele vier a saber que me encerrei com um desconhecido, que lhe direi? Ouça, senhor — disse ela, tomando uma atitude cheia de dignidade —, decida da minha sorte, estou resignada a tudo...

— Minha querida — disse o coronel, apoderando-se das mãos da esposa —, resolvi sacrificar-me completamente à sua felicidade...

— Isso é impossível! — exclamou ela, deixando escapar um movimento convulsivo. — Pense que teria de renunciar a si mesmo e de um modo autêntico...

— Como — disse o coronel —, não lhe basta a minha palavra?

O *autêntico* caíra no coração do velho despertando nele desconfianças involuntárias. Dirigiu à esposa um olhar que a fez corar; ela baixou os olhos, e ele receou ver-se obrigado a desprezá-la. A condessa tinha medo de assustar o pudor selvagem, a severa probidade de um homem cujo caráter generoso e cujas virtudes primitivas conhecia. Embora essas ideias tivessem enuviado suas fronteiras, a boa harmonia logo se restabeleceu entre eles. Eis como. Um grito de criança repercutiu ao longe.

— Júlio, deixa a tua irmã em paz! — exclamou a condessa.

— Como! Seus filhos estão aqui? — perguntou o coronel.

— Sim, mas proibi-lhes que o importunassem.

O velho soldado compreendeu a delicadeza, o tato de mulher que havia naquele procedimento tão gracioso e tomou a mão da condessa para beijá-la.

— Mande-os vir — disse ele.

A menina subia correndo para queixar-se do irmão.

— Mamãe!

— Mamãe!

— Foi ele que...

— Foi ela.

As mãos estavam estendidas para a mãe, e as duas vozes infantis se misturavam. Foi um quadro repentino e delicioso!

— Pobres crianças! — exclamou a condessa, não retendo mais as lágrimas. — Terei de deixá-los. A quem as dará o tribunal? Não se divide um coração de mãe, eu os quero para mim!

— É o senhor que está fazendo a mamãe chorar? — disse Júlio, dirigindo um olhar colérico ao coronel.

— Cale-se, Júlio! — exclamou a mãe em tom imperioso.

As duas crianças ficaram de pé e silenciosas, examinando a mãe e o desconhecido com uma curiosidade que não há palavras que a possam exprimir.

— Oh, sim! — continuou ela. — Se me separarem do conde, que me deixem as crianças, e me submeterei a tudo...

Foi uma palavra decisiva, que obteve todo o êxito que ela esperava.

— Sim — exclamou o coronel como se terminasse uma frase mentalmente iniciada —, devo sumir-me! Já o tinha dito a mim mesmo.

— Posso aceitar tal sacrifício? — respondeu a condessa. — Se alguns homens morreram para salvar a honra da mulher a quem amavam, deram a vida somente uma vez. Mas aqui o senhor daria a sua todos os dias! Não, não, é impossível. Se se tratasse apenas da sua existência, ainda vá lá; mas assinar que não é o coronel Chabert, admitir que é um impostor, dar sua honra, mentir a todo momento, não, a dedicação humana não pode chegar a esse ponto. É demais! Não. Se não fossem os meus pobres filhos, eu já teria fugido com o senhor para o fim do mundo.

— Mas — perguntou Chabert — não poderia eu viver aqui, no seu pequeno pavilhão, como um parente seu? Estou estragado como um canhão refugado; não preciso mais do que um pouco de fumo e do *Constitutionnel*.

A condessa rompeu em prantos. Houve entre a condessa Ferraud e o coronel Chabert uma luta de generosidade da qual o soldado saiu vencedor. Uma tarde, ao ver aquela mãe entre os filhos, o soldado sentiu-se seduzido pelas comoventes graças de um quadro de família, no campo, na sombra e no silêncio; tomou a resolução de permanecer morto, e, não se assustando mais da autenticidade de um ato, perguntou que deveria fazer para assegurar irrevogavelmente a felicidade daquela família.

— Faça como quiser! — respondeu-lhe a condessa. — Declaro-lhe que não me envolverei absolutamente nesse assunto. Não devo fazê-lo.

Delbecq chegara fazia alguns dias e, seguindo as instruções verbais da condessa,

soubera conquistar a confiança do velho militar. Na manhã seguinte, portanto, o coronel Chabert partiu com o antigo solicitador para Saint-Leu-Taverny, onde Delbecq fizera preparar pelo notário um documento concebido em termos tão crus que o coronel saiu bruscamente do cartório depois de ouvir a leitura do mesmo.

— Com mil raios! Ficarei sendo um famoso pulha! Mas assim passarei por um falsário!
— exclamou.

— Senhor — disse-lhe Delbecq —, não o aconselho a assinar precipitadamente. Em seu lugar eu tiraria, pelo menos, trinta mil libras de renda desse processo, porque a senhora condessa os pagaria.

Depois de ter fulminado o emérito patife com o olhar luminoso do homem de bem indignado, o coronel retirou-se apressadamente, impellido por mil sentimentos contraditórios. Voltou desconfiado, indignou-se, acalmou-se, alternativamente. Finalmente penetrou no parque de Groslay pela brecha dum muro e veio a passos lentos repousar e refletir a sua vontade, num gabinete disposto sob um quiosque de onde se podia ver a estrada de Saint-Leu. Estando a alameda areada com essa espécie de terra amarela com a qual se substitui o cascalho do rio, a condessa, que estava sentada no pequeno salão daquela espécie de pavilhão, não ouviu a chegada do coronel, por achar-se muito preocupada com o êxito de seu caso, o que a impedia de prestar a menor atenção ao leve ruído feito pelo esposo. O velho soldado tampouco viu a mulher, que estava acima dele no pequeno pavilhão.

— E, então, sr. Delbecq, ele assinou? — perguntou a condessa ao intendente, a quem, por sobre uma sebe que vedava um valado, ela viu vir sozinho pela estrada.

— Não, minha senhora. Nem mesmo sei o que é feito do nosso homem. O velho cavalo empinou-se.

— Creio que não haverá outro remédio senão encerrá-lo em Charenton — disse ela —, pois que o temos em nossas mãos.

O coronel, que recuperou a elasticidade da juventude para saltar o valado, num abrir e fechar de olhos surgiu ante o intendente, ao qual aplicou o mais belo par de bofetadas que jamais faces de solicitador receberam.

— Acrescenta que os velhos cavalos também sabem dar coices — disse-lhe.

Dissipado aquele acesso de cólera, o coronel não se sentiu mais com forças para saltar novamente o valado. A verdade se lhe apresentara em toda a sua nudez. As palavras da condessa e a resposta de Delbecq tinham desvendado o conluio do qual ia ser vítima. As atenções que lhe haviam sido prodigalizadas eram uma isca para fazê-lo cair numa armadilha. Aquelas palavras, como uma gota de um veneno sutil, provocaram no velho o

reaparecimento de suas dores físicas e morais. Voltou ao quiosque pela porta do parque, caminhando lentamente, como um homem deprimido. Não havia, pois, nem paz, nem tréguas para ele! Desde aquele momento era preciso iniciar contra aquela mulher a guerra odiosa de que lhe falara Derville, entrar numa vida de processos, nutrir-se de fel, beber todas as manhãs um cálice de amargura! Ademais, pensamento horrível, onde encontrar o dinheiro necessário para pagar as custas das primeiras instâncias? Sentiu tão grande nojo da vida que se houvesse um lago perto ter-se-ia jogado nele, se tivesse uma pistola teria arreventado os miolos. Recaiu, depois, na incerteza de ideias que, desde a sua conversa com Derville em casa de seu hospedeiro, lhe havia modificado o moral. Finalmente, tendo chegado em frente ao quiosque, subiu ao gabinete aéreo, cujas rosáceas de vidro ofereciam a vista de cada uma das encantadoras perspectivas do vale e onde encontrou a mulher sentada numa cadeira. A condessa examinava a paisagem e mantinha uma atitude muito calma, exibindo a fisionomia impenetrável que sabem tomar as mulheres resolvidas a tudo. Enxugou os olhos como se tivesse chorado, e com um gesto distraído brincou com a comprida fita vermelha do cinto. Não obstante, apesar de sua aparente tranquilidade, não pôde deixar de estremecer ao ver diante de si seu venerável benfeitor, de pé, com os braços cruzados, o rosto pálido, a fronte severa.

— Senhora — disse ele depois de a ter fitado fixamente durante um momento e de a ter obrigado a corar —, senhora, não a amaldiçoo, desprezo-a. Agradeço agora ao acaso que nos separou. Não sinto desejo de vingança, não a amo mais. Nada quero da senhora. Pode viver tranquila, confiada na minha palavra, que vale mais do que todas as garatujas de quantos notários há em Paris. Jamais reivindicarei o nome que talvez eu tenha ilustrado. Nada mais sou do que um pobre-diabo chamado Jacinto, que nada pede além de um lugar ao sol. Adeus...

A condessa atirou-se aos pés do coronel e quis retê-lo segurando-lhe as mãos, mas ele a repeliu com nojo, dizendo-lhe:

— Não me toque!

A condessa fez um gesto intraduzível, quando ouviu o ruído dos passos do marido, que se afastava. Depois, com a perspicácia profunda que dá uma extrema perversidade ou o feroz egoísmo social, julgou que poderia viver em paz sob a promessa e o desprezo daquele soldado leal.

Chabert desapareceu, efetivamente. Seu hospedeiro abriu falência e tornou-se cocheiro de cabriolé. É possível que o coronel a princípio se tivesse dedicado a um ofício semelhante, ou que então, tal como uma pedra atirada num abismo, tivesse, de salto em

salto, mergulhado na legião andrajosa que abunda nas ruas de Paris.

III – O HOSPÍCIO DA VELHICE

Seis meses depois desse acontecimento, Derville, que não mais ouvira falar nem no coronel Chabert nem na condessa Ferraud, pensou que deviam, sem dúvida, ter feito qualquer transação, que, por vingança, a condessa fizera redigir em outro escritório.

Uma manhã, pois, calculou as quantias adiantadas ao supradito Chabert, acrescentou as despesas e pediu à condessa Ferraud que reclamasse ao sr. conde Chabert a importância daquela conta, presumindo que soubesse onde se achava seu primeiro marido.

Já no dia seguinte, o intendente do conde Ferraud, que fora recentemente nomeado presidente do tribunal de Primeira Instância numa cidade importante, escreveu a Derville este bilhete desolador:

Senhor,

A sra. condessa Ferraud encarregou-me de preveni-lo de que seu cliente abusou completamente da sua confiança e que o indivíduo que dizia ser o conde Chabert reconheceu ter-se, indevidamente, atribuído falsas qualidades.

Aceite, pois etc. etc.

— Palavra que se encontram indivíduos que abusam do direito de ser burros! Roubaram o batismo! — exclamou Derville. — E seja-se humano, generoso, filantropo e advogado! O resultado é que a gente se vê embrulhado! Aqui está um negócio que me custa dois mil francos!

Algum tempo depois do recebimento dessa carta, Derville procurava no Tribunal um advogado com quem queria falar e que advogava na polícia correcional. Quis o acaso que Derville entrasse na Sexta Câmara no momento em que o presidente condenava a dois meses de prisão, como vagabundo, o chamado Jacinto e ordenava que ele fosse em seguida levado ao depósito de mendigos de Saint-Denis, sentença que, segundo a jurisprudência dos comissários de polícia, equivalia a uma detenção perpétua. Ao ouvir o nome de Jacinto, Derville olhou para o delinquente sentado entre dois policiais, no banco dos réus, e reconheceu na pessoa do condenado seu falso coronel Chabert. O velho soldado estava calmo, imóvel, quase distraído. Não obstante seus farrapos, não obstante a

miséria estampada em sua fisionomia, esta evidenciava uma nobre altivez. Seu olhar tinha uma expressão de estoicismo que não deveria passar despercebida para um magistrado; mas, assim que um homem cai nas mãos da Justiça, nada mais é do que um ser moral, uma questão de direito ou de fato, da mesma forma pela qual, aos olhos de um estatístico, torna-se um algarismo. Quando o soldado foi reconduzido à sala de espera para mais tarde ser levado com uma turma de vagabundos que estava sendo julgada naquele momento, Derville fez uso do direito que os solicitadores têm de entrar por toda parte no Tribunal, seguiu-o e contemplou-o durante alguns instantes, bem como aos curiosos mendigos que estavam com ele. A antecâmara da sala oferecia então um desses espetáculos que, infelizmente, nem os legisladores, nem os filantropos, nem os pintores, nem os escritores vêm estudar. Como todos os laboratórios da chicana, essa antecâmara é uma peça escura e fedorenta, em cujas paredes se apoia um banco de madeira enegrecida pelo perpétuo roçar dos desgraçados que vêm a esse *rendez-vous* de todas as misérias sociais, e ao qual nenhum deles falta. Um poeta diria que o dia tem vergonha de iluminar esse terrível esgoto por onde passam tantos infortúnios! Não há um único lugar onde não se tenha sentado algum crime, em germe ou consumado; nem um único lugar onde não tenha estado um homem que, desesperado pela leve mácula impressa pela Justiça a sua primeira falta, não tenha começado uma existência no fim da qual devia erguer-se a guilhotina ou detonar a pistola do suicídio. Todos os que caem nas ruas de Paris ressaltam contra essas paredes amareladas, nas quais um filantropo que não fosse um especulador poderia decifrar a justificação dos numerosos suicídios de que se queixam os escritores hipócritas, incapazes de dar um passo para evitá-los, e que se acha escrita nessa antecâmara, espécie de prefácio para os dramas da Morgue ou para os da praça de Grève.

Naquele momento o coronel Chabert sentou-se no meio daqueles homens de rosto enérgico, trajando as horríveis librés da miséria, umas vezes silenciosos, outras conversando em voz baixa, porque três policiais de sentinela passeavam por ali fazendo seus sabres retinirem em cima do assoalho.

— Reconhece-me? — perguntou Derville ao velho soldado, colocando-se diante dele.

— Sim, senhor — respondeu Chabert, levantando-se.

— Se o senhor é um homem de bem — disse Derville em voz baixa —, como pôde ficar meu devedor?

O velho soldado corou, como o teria feito uma moça acusada pela mãe de ter um amor clandestino.

— Como! A sra. Ferraud não o pagou? — exclamou ele em voz alta.

— Pagou! — disse Derville. — O que ela fez foi escrever-me uma carta na qual dizia que

o senhor era um impostor.

O coronel ergueu os olhos, movido por um sublime ímpeto de horror e de imprecação, como para tomar o céu por testemunha dessa nova mentira.

— Senhor — disse ele com voz que, de tão alterada, parecia calma —, consiga dos policiais o favor de me deixar entrar no escritório e eu assinarei uma ordem que estou certo será paga.

Tendo Derville dito algumas palavras ao cabo, foi-lhe permitido levar seu cliente ao escritório ao lado, onde Jacinto escreveu algumas linhas dirigidas à condessa Ferraud.

— Mandê isto à casa dela — disse o soldado — e o senhor será reembolsado de seus gastos e do que me emprestou. Creio, senhor, que se não lhe testemunhei a gratidão que lhe devo por tudo o que fez por mim, nem por isso deixo de tê-la aqui — disse, pondo a mão no coração. — Sim, tenho-a aqui plena e inteira. Mas que podem os infelizes? Amar, e mais nada.

— Como — perguntou Derville —, não estipulou alguma renda para o senhor?

— Não me fale nisso! — respondeu o velho militar. — O senhor não pode imaginar até que ponto vai o meu desprezo por essa vida exterior da qual a maioria dos homens faz tanta questão. Fui atacado subitamente por uma doença, o nojo da humanidade. Quando me lembro de que Napoleão está em Santa Helena, tudo neste mundo me é indiferente. Toda a minha desgraça consiste em que não posso mais ser soldado. Enfim — acrescentou, fazendo um gesto infantil —, vale mais ter luxo nos sentimentos do que na roupa. Eu é que não temo o desprezo de ninguém.

E o coronel voltou a seu banco. Derville saiu. Quando chegou a seu escritório, mandou Godeschal, então seu segundo praticante, à casa da condessa Ferraud, a qual, ao ler o bilhete, mandou imediatamente pagar a importância devida ao advogado do conde Chabert.

Em 1840, pelo fim de junho, Godeschal, já então solicitador, ia a Ris, em companhia de Derville, seu predecessor. Quando chegaram à avenida que conduz da estrada real a Bicêtre, viram, sob um dos olmos do caminho, um desses pobres velhos encanecidos e alquebrados que obtiveram o bastão de marechal da mendicância, vivendo em Bicêtre como as mulheres indigentes vivem na Salpêtrière. Esse homem, um dos dois mil infelizes alojados no Asilo da Velhice, estava sentado num marco e parecia concentrar toda a sua inteligência numa operação bastante conhecida dos inválidos, que consiste em fazer secar ao sol o rapé de seus lenços, para evitar, talvez, que fiquem brancos. Esse ancião tinha uma fisionomia atraente. Vestia o camisolão de pano

avermelhado que o asilo dá a seus hóspedes — uma espécie de libré horrível.

— Repare, Derville — disse Godeschal ao companheiro de viagem —, aquele velho. Não o acha parecido com aquelas figuras grotescas que nos vêm da Alemanha? E isso vive, e, talvez, é feliz!

Derville pôs a luneta, olhou para o pobre, teve um gesto de surpresa e disse:

— Esse velho, meu caro, é um poema completo, ou, como dizem os românticos, um drama. Nunca encontraste a condessa Ferraud?

— Sim, é uma mulher de espírito e muito agradável, mas um pouco devota demais — disse Godeschal.

— Pois esse velho hóspede de Bicêtre é seu marido legítimo, o conde Chabert, o antigo coronel, que ela, com certeza, colocou aí. Se ele está nesse asilo em vez de morar num palacete, é simplesmente por ter recordado à bela condessa Ferraud que ele a tomara na rua, como se toma um fiacre. Lembro-me ainda do olhar de tigre que ela lhe dirigiu nesse momento.

Tendo esse prelúdio excitado a curiosidade de Godeschal, Derville contou-lhe a história que narramos. Dois dias depois, na segunda-feira pela manhã, ao voltar para Paris, os dois amigos dirigiram um olhar a Bicêtre, e Derville propôs que fossem ver o coronel Chabert. Na metade do caminho da avenida, os dois advogados encontraram o velho, sentado no tronco de uma árvore derrubada, tendo na mão um bastão com o qual se divertia traçando riscos no chão. Olhando-o atentamente, perceberam que ele tinha almoçado em outro lugar que não o estabelecimento.

— Bom dia, coronel Chabert — disse-lhe Derville.

— Nada de Chabert! Nada de Chabert! Chamo-me Jacinto — respondeu o ancião. — Não sou mais um homem, sou o número 164, sétima sala — acrescentou, olhando para Derville com ansiedade temerosa, com um medo de velho e de criança. — Os senhores vão ver o condenado à morte? — disse depois de uma pausa. — Esse não é casado! Ele tem muita sorte!

— Pobre homem — disse Godeschal. — Quer dinheiro para comprar rapé?

Com a ingenuidade de um garoto de Paris, o coronel estendeu avidamente a mão para os dois desconhecidos, que lhe deram uma moeda de vinte francos. Ele agradeceu-lhes com um olhar estúpido, dizendo: — Valentes soldados! — Perfilou-se, fingiu apontar-lhes a arma e bradou sorrindo: — Fogo com as duas peças! Viva Napoleão! — E descreveu no ar, com o bastão, um arabesco imaginário.

— A natureza do seu ferimento trouxe-lhe a caduquice — disse Derville.

— Ele, caduco? — exclamou um velho internado que os estava observando. — Ah, tem

dias em que é perigoso pisar-lhe os calos. É um velho astucioso, com muita filosofia e imaginação. Mas, que querem, hoje ele fez a sua segunda-feira. Saibam, senhores, que em 1820 ele já estava aqui. Nessa ocasião, um oficial prussiano, cuja caleça vinha subindo a encosta de Villejuif, passou por aqui a pé. Eu estava com Jacinto à beira da estrada. Esse oficial vinha conversando com um outro, um russo, ou um animal da mesma espécie, quando, ao ver o velho, o prussiano, para fazer pilhéria, disse-lhe: “Eis aqui um velho *voltigeur* que devia estar em Rosbach”. “Eu era ainda muito moço para estar lá”, respondeu este velho, “mas já tinha idade bastante para estar em Iena.” Com essa, o prussiano escafedeu-se sem fazer mais perguntas.

— Que destino! — exclamou Derville. — Saído do Asilo das Crianças Abandonadas, vem morrer no Asilo da Velhice, depois de ter, nesse meio-tempo, ajudado Napoleão a conquistar o Egito e a Europa. Sabes, meu caro — continuou Derville após uma pausa —, que há na nossa sociedade três homens, o padre, o médico e o legista, que não podem estimar o mundo? Trajam vestes pretas, talvez por carregarem o luto de todas as virtudes de todas as ilusões. O mais infeliz dos três é o advogado. Quando um homem vai em busca do padre, ele o faz impelir pelo arrependimento, pelo remorso ou por crenças que o tornam interessante, que o engrandecem e que consolam a alma do mediador, cuja tarefa é exercida com uma espécie de gozo: ele purifica, conserta, reconcilia. Mas nós, advogados, vemos os mesmos sentimentos maus se repetirem; nada os corrige; nossos escritórios são esgotos que se não podem limpar. Quanta coisa aprendi eu no exercício da minha função! Vi um pai morrer num celeiro, sem cheta, abandonado pelas duas filhas a quem dera quarenta mil francos de renda! Vi queimarem testamentos; vi mães despojando os filhos, aproveitando-se do amor que lhes inspiravam para deixá-los loucos ou imbecis, a fim de poderem viver em paz com seus amantes. Vi mulheres dando ao filho do primeiro leito hábitos que lhes deviam acarretar a morte, a fim de enriquecerem o filho do amor. Não lhe posso dizer tudo o que vi, porque vi crimes contra os quais a Justiça é impotente. Enfim, todos os horrores que os romancistas pensam que inventam estão sempre aquém da verdade. Você vai conhecer essas belas coisas; quanto a mim, vou viver no campo, com minha mulher. Paris horroriza-me.

— Eu também já vi coisas no gabinete de Desroches — respondeu Godeschal.